

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE (FACHS)
CURSO DE PSICOLOGIA

PATRÍCIA GONÇALVES LIMA

O DESVELAR DE SENTIDOS PARA O TÉDIO:
Uma investigação Fenomenológico-Hermenêutica a partir do filme Nostalgia

SÃO PAULO
2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE (FACHS)
CURSO DE PSICOLOGIA

O DESVELAR DE SENTIDOS PARA O TÉDIO:
Uma investigação Fenomenológico-Hermenêutica a partir do filme Nostalgia.

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para a graduação no curso de Psicologia,
sob orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto
Moreira.

SÃO PAULO
2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu companheiro, amigo e noivo Leonardo, que sempre permaneceu ao meu lado mesmo diante de tantas dificuldades, meu mais sincero e puro amor.

Agradeço a meus pais e irmã por terem contribuído fortemente com seus valores para a minha formação pessoal.

Agradeço a todas minhas amigas. Em especial Ananda e Jaque, grandes pessoas que me mostraram uma nova forma de ver o mundo. Também a CharlottKält, com sua delicadeza sempre foi fundamental em minha vida, obrigada por existirem.

Agradeço ao meu orientador, profº Paulo que me ajudou com o desenvolvimento deste trabalho com muita paciência e sabedoria.

Por fim, agradeço ao profº Marcos Colpo meu parecerista, a quem sou grata por me ensinar fenomenologia e me mostrar uma nova forma de pensar que se estende para além da graduação.

Ciências Humanas: 7.07.00.00-1 – Psicologia

Patrícia Gonçalves Lima: O DESVELAR DE SENTIDOS PARA O TÉDIO: uma investigação Fenomenológico-Hermenêutica a partir do filme "Nostalgia", 2014.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Moreira.

E-mail: pattylima@globo.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi reconhecer os sentidos da vivência do tédio por meio da análise de situações expressas em cenas do filme *Nostalgia* (1983). Visando uma aproximação ao tema a partir da releitura de uma produção artística, busquei embasamento metodológico na Fenomenologia criada por Edmund Husserl (1859-1938), mais especificamente em Martin Heidegger (1889 – 1976), desenvolvedor da ontologia geral sobre os seres, por meio de sua Hermenêutica-Fenomenológica, e, a *Daseinsanalyse*, método psicoterápico emergido de Medard Boss (1903 – 1990) e seus alunos. A pesquisa a luz da fenomenologia não forja hipóteses, mas investiga os sentidos dos fenômenos que se manifestam e comunicam algo, e então os interpreta. Este trabalho foi teórico e qualitativo, utilizou como apoio a análise das existenciais Heideggerianas (1927) do *dasein*, faticidade, ser-no-mundo, autenticidade e inautenticidade. Tédio para Heidegger (2011) se trata de uma disposição afetiva que pode assumir três modos, o ser entediado por alguma coisa, entediar-se junto a algo e o tédio profundo. Na *Daseinsanalyse*, Boss e Condrau (1997) afirmam ser o tédio um distúrbio no afeto do *dasein*. Por meio da pesquisa, desvelou-se como foi habitar um mundo permeado por momentos de tédio, e, de acordo com as cenas destacadas, explicitou-se como se configurou o sentido fundamental desta vivência.

Palavras-chave: Tédio, *Daseinsanalyse*, Fenomenologia

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	7
1-1 - Justificativa.....	8
1.2 - Objetivo	8
2 – ABORDAGEM FILOSÓFICA.....	8
2.1 – Breve histórico sobre o conhecimento científico.....	8
2.2- O nascimento da Fenomenologia	15
2.3 – A Fenomenologia de Husserl	16
2.4 - Fenomenologia e suas vertentes	17
2.5 – Fenomenologia de Heidegger	18
2.6 - O nascimento da Psicologia	19
2.7 - A Psicologia Fenomenológica-Hermenêutica.....	21
3 - MÉTODO.....	22
3.1 - <i>Dasein</i>	23
3.2 - Faticidade e ser-no-mundo	24
3.3 - Autenticidade e inautenticidade	25
3.4 – Instrumento.....	26
3.5 - Procedimento	26
4 – O TÉDIO	26
4.1 – Conceitos.....	26
4.2 – O tédio em Heidegger	29
5 – O FILME	30
6 – ANÁLISE	33

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
--------------------------------	----

8 – REFERÊNCIAS	48
-----------------------	----

1 – INTRODUÇÃO

“Um tédio que inclui a antecipação só de mais tédio; a pena, já, de amanhã ter pena de ter tido pena hoje.”

Fernando Pessoa, 2011, p. 14.

Este trabalho de conclusão de curso é uma pesquisa teórica e qualitativa que tem por objetivo estudar sobre o sentido da vivência do tédio, de acordo com a Fenomenologia-Hermenêutica proposta por Heidegger (1927) num personagem do filme *Nostalgia*, produzido em 1983, na Itália, pelo cineasta Andrei Tarkovsky.

O filme retrata uma parte da vida de Andrei, personagem russo, em expedição a Itália para estudar sobre um músico, também russo, que viveu e morreu por lá. Esta obra me fez refletir como deve ser difícil viver permeado por lembranças do passado e como isto pode restringir a vida de alguém a tal ponto de isolar-se socialmente.

Tédio, vulgarmente, diz respeito a uma sensação de enfado, desgosto ou vazio com ou sem causa conhecida. Atualmente é visto sob as áreas da psicopatologia e processos sociais, entretanto, há pouco material disponível no âmbito da psicologia clínica.

Para compreender os sentidos da vivência em questão a partir da releitura de um filme, busquei embasamento metodológico na Fenomenologia criada por Edmund Husserl (1859-1938), mais especificamente em Martin Heidegger (1889 – 1976), desenvolvedor da ontologia geral sobre os seres e na *Daseinsanalyse*, método psicoterápico emergido de Medard Boss (1903 – 1990) e seus alunos.

Segundo esta abordagem o tema diz respeito a um afeto que atua para a falta de interesse que restringe as possibilidades de se viver. Por ser considerado um distúrbio da abertura para o mundo, este estado de ânimo pode desencadear o modo de ser-doente. Visando seu tratamento com a ajuda das reflexões sobre a estrutura da existência humana proposta por Heidegger (1927), a saber, as noções sobre *dasein*; faticidade e ser-no-mundo; e autenticidade e inautenticidade; é possível na psicologia *daseinsanalítica* pensar caminhos para ampliar o horizonte existencial do entediado.

1-1 - Justificativa

O filme *Nostalgia* me fez pensar como seria uma vida refém de lembranças num passado em outro país. Esta é a forma como viveu Andrei, personagem representado por *Oleg Yankovsky*, em sua estadia na Itália. Seu isolamento, as poucas palavras trocadas, o olhar constantemente em direção ao horizonte e até seu tom de voz, sempre o mesmo em diferentes situações.

Optei por esta obra, pois o modo como o personagem se expressa me fez pensar em algumas pessoas das quais convivi com semelhantes maneiras viver. Assim, a obra de arte se torna válida por representar comportamentos reais nos quais se trilham caminhos em busca de projetos pessoais, que neste caso veremos como foi de encontro ao tédio.

O que foi levado em consideração na minha análise diz respeito ao horizonte fático da existência de Andrei, isto atrelado à pesquisa em literatura técnica de psicologia e filosofia possibilitou aprofundar a compreensão à cerca do tema. Deste modo, este trabalho propicia um espaço para reflexão a quem lê, o que permite pensarmos em nossos próprios momentos de encontro ao tédio.

1.2 - Objetivo

O objetivo deste trabalho é reconhecer os sentidos da vivência do tédio a partir das reflexões *daseinanalíticas* de Medard Boss, embasadas na Fenomenologia-Hermenêutica de Heidegger (1927). A metodologia inclui a identificação desses sentidos em análises de situações expressas nas cenas do filme *Nostalgia*, durante todo o enredo cinematográfico.

2 – ABORDAGEM FILOSÓFICA

2.1 – Breve histórico sobre o conhecimento científico

Iniciarei este trabalho falando sobre a origem do conhecimento científico e as mudanças de valores na humanidade desde a Antiguidade até a Idade Contemporânea, pois isto torna o trabalho coerente e rico em contexto para compreender o nascimento da fenomenologia e psicologia.

Assim, o período no qual surgiu o Homem na terra foi chamado por historiadores de Pré-história. O termo “pré” indica o que é anterior à escrita, e, portanto seus registros foram baseados unicamente em artefatos encontrados por arqueólogos, correspondeu a três grandes momentos: Paleolítico Inferior, Paleolítico Superior e Neolítico (Arruda, 1979¹).

No primeiro momento os homens eram nômades e coletores, ou seja, dependiam somente do que a natureza tinha a oferecer e o conhecimento desta época iniciou a partir do domínio sobre o fogo e confecção de primeiras armas.

Quanto ao segundo período, houve modificação climática no planeta, resfriamento da terra, o que obrigou o ser humano a se abrigar em cavernas. Isto foi favorável ao seu desenvolvimento intelectual, pois devido ao isolamento não podia mais coletar frutos, se fazendo necessária à criação de estratégias para caçar animais de grande porte (alimentação para subsistência). E devido às armas fabricadas nesse período serem feitas de ossos, restos mortais desses animais, foram mais pontiagudas, o que propiciou não só o desenvolvimento da motricidade fina, mas as representações por meio de pinturas nas paredes das cavernas retratando histórias das caças.

Após o derretimento de gelo na terra, terceiro período, houve algumas formações desérticas do solo, o que forçou o homem procurar se estabelecer próximo as margens de rios. Tornou-se sedentário, aprendeu a ser pastor de animais, plantar, confeccionar artesanatos (utensílios domésticos) e estabelecer comunidades primitivas. Nesta época o enriquecimento intelectual esteve diretamente ligado à transformação da natureza e pinturas em cavernas como poder de representação.

Com a Antiguidade (século VIII a.C. a V d.C.) em seus momentos iniciais, 1.100 a.C. - 800 a.C., emergiram as primeiras organizações políticas a fim de gerir as comunidades primitivas (crescente burocratização do Estado), criação de técnicas militares, sistema de irrigação (para captação das águas dos rios), armazenagem de produtos, metalurgia e moedas. A produção científica era regida de acordo com o mito; ou seja, as decisões tomadas estavam em concordância com o que interpretavam ser a vontade dos deuses.

A partir do Período Arcaico (800 - 500 a.C.), a determinação religiosa cedeu lugar à elaboração de um pensamento racional, isto aconteceu devido, principalmente, ao

¹ José Jobson Arruda, professor e doutor em História pela Universidade de São Paulo, USP. Atualmente é professor no Programa de Pós-graduação em História Econômica da USP e professor titular aposentado do Instituto de Economia da UNICAMP.

desenvolvimento das pólis², pois criava as condições objetivas para que, partindo do mito e superando-o, o saber fosse racionalmente elaborado e alguns homens pudessem se dedicar a sua elaboração (Andery, 2007, p.35³).

No Período Helenístico (338 - 146 a.C.) houve uma complexa fusão entre Grécia e Roma, com ela o compartilhamento cultural e científico. Foi uma época de tolerâncias, assimilações e indiferenças; isto é, o conhecimento desta época foi produzido a partir da aceitação das multiplicidades, incertezas e instabilidades de coisas. Emergiram daí duas atitudes, importantes ao foco deste trabalho, a primeira diz respeito à ausência de afirmações sobre tudo que há, assim, não se deve afirmar ou negar nada sobre as coisas, chamaram a isto de *Afasia* e a segunda é a suspensão de qualquer juízo sobre a natureza da coisa, não é boa ou má, verdadeira ou falsa, a isso chamaram de *Epoché*. Segundo Andery (2007), essas duas atitudes conduzem a *Ataraxia*, ausência de paixões, perturbações e indiferença diante das coisas.

Com a Idade Média, século V a XV, todo esse “progresso” estagnou e as produções culturais e científicas voltaram à sombra de um poder supra-humano, agora sob a égide de um deus cristão o homem voltou a ser subserviente. A partir de então, a Igreja era nova mediadora entre deus e os homens, isto aconteceu devido à expansão da Europa Ocidental, que visando conquistar os territórios do Oriente Médio, como Jerusalém e outros países com religiões diversas, instaurou o Cristianismo como religião universal, movimento militar conhecido como Guerra Santa e posteriormente Cruzada.

A organização social e política desta época foi o Feudalismo. Baseava-se nas relações de servidão nas quais havia o senhor, dono das terras doadas pelos reis, e os camponeses. Os últimos trabalhavam nos solos de seus senhores, recebiam comida e espaço para plantar alimentos necessários as suas sobrevivências, em troca lhes era oferecida proteção contra ataque de povos vizinhos. Essas pequenas articulações foram chamadas feudos e apesar de serem administradas pelos donos, eram coordenadas pelos reis sob supervisão da Igreja.

² Cidades-Estado gregas, independentes entre si sociocultural e economicamente.

³ Maria Amalia Pie Abib Andery professora doutora em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo na Faculdade de Psicologia e no Programa de Pós Graduação em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. Membro do corpo editorial dos periódicos Temas em Psicologia e Revista Brasileira de Análise do Comportamento.

A Idade Moderna, século XV a XVIII, foi caracterizada pela transição do sistema feudal para o absolutismo⁴. Neste modelo a estrutura social era bem hierarquizada, formato piramidal, sem possibilidade de ascensão social; na parte inferior estavam os camponeses e burgueses⁵, no meio o clero e no topo a nobreza, compostas por senhores feudais (já em declínio) e os reis. Os membros que compunham a parte inferior não tinham poder de decisão, tornando-se aquém das vontades do grupo superior.

Também nesta época, ocorreu o Renascimento (século XIV), movimento cultural de caráter revival as civilizações Greco-Romanas, Reforma Protestante (século XVI) oposição aos valores da Igreja e as Grandes Navegações (século XVI), viagens de exploração á países vizinhos, a fim de trazer especiarias, sofisticações de técnicas e início das expansões marítimas.

A Idade Contemporânea surgiu a partir do século XVIII, marcada principalmente por revoluções, conquistas e atrocidades, foi a Era das grandes guerras, Primeira e Segunda Guerra Mundial (Arruda, 1979), descolonização da África, Imperialismo, Revolução Russa, Crise de 1929 entre tantos outros fatos. Seu surgimento foi caracterizado pela Revolução Francesa (1789-1799), apoiada no ideal Iluminista⁶, luta que descaracterizou o antigo regime.

Sua organização social e política envolvem a ascensão do poder burguês juntamente com o desenvolvimento do sistema econômico Capitalista (suas principais características são a implantação da propriedade privada, divisão social do trabalho, trocas monetárias e produções em larga escala - artesanais, manufaturas e fábricas). Notadamente importante aconteceu a guerra fria,⁷ e após ela os países mais influentes do mundo tornar-se-iam capitalistas e isto culminou o fenômeno conhecido como globalização, processo de integração internacional socioeconômica, cultural e política.

⁴ Organização política na qual uma pessoa detém os poderes absolutos.

⁵ Pequenos comerciantes que enriqueceram por meio de trocas monetárias.

⁶ Iluminismo foi um movimento político, social, cultural e filosófico que defendia o uso da razão para se obter a liberdade e autonomia sobre todos os dogmas dos séculos passados.

⁷ Luta entre os dois países mais poderosos da época com visões opostas, enquanto o Estados Unidos da América defendia o capitalismo, a antiga União Soviética o combatia. Essa guerra foi ganha pelos Estados Unidos e com ela a instauração do capitalismo na maior parte do mundo.

Diante deste pequeno panorama vimos as principais transformações ocorridas no percurso da História e sua consequente transformação política e social, passemos agora ao prisma filosófico.

Sabemos que as sociedades primitivas se estruturavam torno do rito mágico, posteriormente passaram a ser geridas por um deus cristão, logo após o homem tomou lugar do divino e ganhou consciência que poderia transformar o real, em contraposição ao saber contemplativo da Idade Média (Andery, 2007), mas ainda não podia ser o senhor de suas decisões postos que deveria obedecer a um rei humano. Quando finalmente se apoderou de si, regendo seu próprio destino, já não sabia ao certo qual seria a melhor forma de proceder.

As violentas transformações em todos os aspectos da humanidade acarretaram em rupturas de sentidos no modo do homem entender a si, mundo e realidade. As constantes mudanças fizeram com que o ser humano perdesse suas referências, pois com a frequente alteração dos modelos sociais, políticos, econômicos e filosóficos, não se sabia o que fosse real e/ou como seria acessado o conhecimento. Buscando respostas, vários pensadores se debruçaram sobre o tema; assim citarei brevemente algumas correntes e movimentos em filosofia, desde a Antiguidade até a Idade Contemporânea, que julguei importantes ao nascimento da fenomenologia.

Como já dito, na Antiguidade a religião influenciou diretamente nas decisões dos povos porque as mudanças aconteciam somente após “autorização” dos deuses, forças superiores. Deste modo, o mito, narrativa onde pretendia se explicar a realidade a partir das intervenções de seres considerados superiores ao humano, tornavam-se apenas objeto de crença. Não era criticado, mas antes um modo de confortar e tranquilizar o homem, o fixando numa realidade imutável e determinando suas ações. Aos poucos esse pensamento cedeu lugar ao pensar racionalmente e foi no Período Clássico (500-338 a.C.) que alguns filósofos se propuseram a um método mais eficaz para o seu acesso, a saber Sócrates, Platão e Aristóteles (Andery, 2007).

Em Sócrates (469 a.C. - 399 a.C.), o método para o conhecimento baseava-se em assumir a própria ignorância, reconhecendo que o ser humano produz saber equivocado e seu objetivo era conhecer os conceitos universais para o homem atingir a verdade, e, por consequência se apoderar do bem.

Para Platão (428/427 a.C. – 348/347 a.C.) o conhecimento era inerente a algumas pessoas nascidas com uma alma preparada. Seu método era matemático, valia-se de construções lógicas que provassem suas teses. Para ele, o saber não era alcançado pelo mundo da técnica e empírico, mas contemplativo, e, seu objetivo era a construção de uma sociedade justa.

Com Aristóteles (384 a.C. — 322 a.C.), o conhecimento teria como método a explicação dos seres vivos, seu objetivo era acessar a realidade do mundo físico. Cada fenômeno da natureza teria uma identidade peculiar, sua essência, acessando-a seria possível chegar ao saber. Cunhou as noções causa e efeito como determinantes para o conhecimento; ou seja, necessário verificar antes o que faria uma coisa acontecer e qual o resultado desse acontecimento (Andery, 2007).

Notadamente Sócrates e Platão buscaram o conhecimento por meio da política e construção social. Aristóteles trilhou outro caminho, o embrião das ciências naturais.

Como de acordo com Arruda (1979), neste prisma, a Idade Média foi infecunda, portanto discorremos agora a partir da Idade Moderna, a começar pelas correntes predominantes no século XVII, a saber, Empirismo, Racionalismo e Mecanicismo.

O Empirismo propunha a realidade acessível tão somente a partir da experiência sensorial, aquilo que é captado através dos os órgãos do sentido. O ser humano seria uma tábula rasa que aprenderia de acordo com suas limitações físicas.

Para o Racionalismo, vertente que o combatia, o conhecimento teria uma causa inteligível, que seria acessado a partir do raciocínio, lógica e discurso, características das operações mentais.

Com o Mecanicismo, o real só poderia ser atingido através de uma causalidade mecânica; isto é, o universo compreendido como um mecanismo causado por energias e forças que desencadeariam todo o resto.

No Idealismo (segunda metade século XVIII) o mundo era produto de um ser pensante, existia a partir alguém que projetava, posteriormente a partir da experiência sensível, suas ideias nos objetos. Os filósofos importantes dessa corrente foram Berkeley (1685 – 1753), afirmava que todo conhecimento provinha da experiência e percepção da pessoa, e, Kant (1724 - 1804), acreditava que a ligação causal das coisas era de base

racional e se processava antes, no que chamou de categorias a priori (inatas) do entendimento.

Já para o Materialismo (Século XIX), o homem se construía primeiramente em contextos culturais e históricos para depois internalizar suas concepções e assim produzir conhecimento, deste modo o mundo era antes material para depois ser absorvido no pensamento por meio e sujeito pensante que conseguia apreender um objeto distinto de si. O criador desta vertente foi Karl Marx (1818 - 1883).

Hegel (1770 - 1831), um dos críticos da dicotomia idealismo - materialismo, propôs que o conhecimento seria alcançado pela dialética, deste modo, mundo real e pensamento constituiriam unidade submetida à lei da contradição. Para ele, tudo era essencialmente negativo, o que motivava o homem a procurar o polo oposto, transformando, portanto, sua realidade e pensamento.

Concomitante a isso, surgiu o movimento de crítica Romantismo. Oriundo da Alemanha, final do século XVIII, tinha como proposta oposição ao Iluminismo. Assim, menosprezando a razão, o homem poderia ser passional e sensível, valorizar a natureza como forma de contraposição as regras sociais e etiquetas até então criadas. Seu objetivo era retornar a um passado anterior, perdido. Para tal, valorizavam a individualidade e intimidade, um total mergulho em si mesmo, o que tornara um grande problema para as relações da vida prática (introspeccionismo).

Nietzsche (1844 - 1900) também trouxe uma proposta inovadora, sua crítica dizia respeito à ideia do “eu” ser uma ficção. Através do que chamou de “genealogia”, buscou desconstruir todo o fundamento da Filosofia Ocidental desde Platão. Bradava que todo conhecimento tomado por absoluto fora construído num determinado momento da história, e sendo criação humana não poderia ser eterno. Até deus não escapou de suas críticas enquanto apenas um produto das ideias humanas. Este filósofo denunciava o ser humano não sendo o centro do mundo e nem este ter centro, menosprezava o saber produzido dizendo ser uma ilusão. Para ele, era necessário saber o quanto cada ilusão mostrar-se-ia útil para expansão da vida em determinado contexto (Figueiredo, 2006⁸).

⁸ Luis Claudio Mendonça Figueiredo professor doutor em psicologia experimental pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor associado da Universidade de São Paulo.

Outra crítica surgida com bastante veemência, o Existencialismo (século XIX e XX), aconteceu em decorrência a Segunda Guerra. Esta corrente em filosofia se ocupava de temas como desespero, desânimo e até a própria noção ruptura de sentidos. Seu objetivo era estudar a existência cotidiana de cada ser humano como algo singular, procurando afastar-se dos saberes metafísicos.

A ciência criada por Comte, entre os séculos XIX e XX, Positivismo, preconizava que o saber seria atingido e verdadeiro, mas somente quando acessado a partir de fatos diretamente acessíveis pela observação sistemática. Para isso, deixou de lado a observação externa (quem é o homem, qual sua realidade), e se ocupou de pensar a praticidade do cotidiano, leis e relações sociais.

Assim, o crescente “progresso”, essas diferentes formas de se pensar o homem, mundo, realidade e saber constituíram-se, aos poucos, verdadeiras escolas com seus seguidores e desertores.

Este foi o berço da Fenomenologia, ciência fundada oficialmente por Edmund Husserl (1859 – 1938), a partir do século XX. Em linhas gerais, nasceu também como outra proposta a todas essas rupturas de sentidos no homem contemporâneo.

2.2- O nascimento da Fenomenologia

O termo fenomenologia nada mais significa do que ciência ou estudo dos fenômenos. Aquilo que permite ver o que se mostra, tal como se mostra, por si mesmo, sendo fenômeno o mostrado.

Dartigues (1996)⁹ aponta que o primeiro a utilizar o termo foi William Wheewell (1847) ao falar de geografia fenomenológica, seguido de Ernest March (1894) com fenomenologia física geral.

Aprofundando o uso do termo na História da Filosofia, o primeiro a utilizá-lo foi Lambert (1764), cujo objetivo era falar sobre a ilusão e suas diferentes formas. Kant (1770) utilizou como disciplina predecessora à metafísica, o objetivo de sua investigação era verificar as limitações do conhecimento, que, por atingir apenas o fenômeno, jamais poderia

⁹ André Dartigues, filósofo estudioso da Fenomenologia, responsável pela obra "o que é fenomenologia", segunda edição de 2005.

ser considerado como o Ser, e este jamais atingido pela via do conhecimento (Dartigues, 1996).

Com Hegel (1807) o Ser seria compreensível e entendido como o espírito e seu objetivo era mostrar como ele está presente em cada momento da experiência humana, e, pela via da dialética o conhecimento poderia atingi-lo.

Husserl foi quem trouxe uma terceira forma de pensar Fenomenologia. Para ele, Kant entendia o Ser como um limitador do aparecer dos fenômenos, ao mesmo tempo em que se tornava fora de alcance, ao passo que em Hegel, era reabsorvido num conhecimento sistemático. Assim, deixou de pensar o que é o Ser enquanto algo independente e passou a analisar o modo de aparecer das coisas, terceira via entre a metafísica e o dado objetivo (Dartigues, 1996).

2.3 – A Fenomenologia de Husserl

Edmund Husserl, filósofo judeu, professor de Heidegger, estava preocupado em construir uma nova forma de pensar e fazer conhecimento. Para ele, o conhecimento seria alcançado tão somente de acordo com a chegada a essência dos atos da consciência, a saber, como pensamos, imaginamos, sentimos, vemos, julgamos etc.

Dentre os principais recursos de seu método, destaco a noção de intencionalidade, redução eidética, redução fenomenológica, consciência transcendental e redução transcendental, importantes para aproximarmos posteriormente da fenomenologia de Martin Heidegger.

A ideia de intencionalidade, termo advindo da Idade Média e retrabalhado pelo filósofo Brentano¹⁰, diz respeito à chegada das essências aos atos conscientes. Toda consciência já tem, em sua definição, um objeto intencional; quando se pensa sempre já é sobre algo, com isso toda consciência é sempre de alguma coisa. Denota-se como a concepção de consciência foi transformada, agora entendida como abertura para o mundo, importante não só para a Fenomenologia como usada na Psicologia (Sapienza, 2007¹¹).

¹⁰ Franz Brentano (1838 – 1917), filósofo alemão que se ocupou de retrabalhar a noção de intencionalidade.

¹¹ Bilê Tatit Sapienza, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, membro da Associação Brasileira de Daseinsanalyse, psicóloga autora de livros introdutórios a prática *daseinsanalítica*.

A Redução eidética, *eidos* do grego que significa ideia ou essência, está relacionada ao retorno à intuição da essência de algo. Através da variação de possibilidades de ser algo se chegaria ao invariante, este corresponderia à característica principal, de modo que se retirá-la, o objeto de estudo deixaria de ser o que é. Para se chegar a essa redução seria necessário utilizar outra, a fenomenológica.

Basicamente a redução fenomenológica significa suspender quaisquer considerações prévias que se tenha sobre o objeto investigado, para se ocupar unicamente com o que aparece como evidente, e, assim chegar ao fenômeno para a consciência, ideia próxima a *Epoché* da Antiguidade. Este foi outro conceito importantíssimo para a Psicologia, pois é através dele que os valores morais do terapeuta são postos entre parênteses durante a sessão terapêutica.

A consciência transcendental diz respeito ao que ultrapassa a experiência empírica, uma consciência formadora de mundo. Já a redução transcendental consiste em suspender a ideia de que o mundo está fora da consciência e cabe a nós representá-lo, assim ele é um fenômeno puro possível de ser acessado através consciência transcendental.

2.4 - Fenomenologia e suas vertentes

Após a fundação da Fenomenologia por Husserl, diversas foram as vertentes do saber que se apropriaram em seus métodos, não pretendo apontar todos, pois foge ao tema deste trabalho, apenas ressaltarei as correntes predominantes em filosofia para fazer um caminho de pensamento coerente até chegar no filósofo Martin Heidegger.

Embre, citado por Moreira (1996)¹² nos ajuda a compreender cinco principais tendências em Fenomenologia, segundo eles “*há cinco tendências filosóficas dominantes e sucessivas (às vezes superpostas) na Fenomenologia do século XX (p.73)*”. As três primeiras surgiram a partir do próprio Husserl, sendo as últimas fundadas por outros intelectuais.

A primeira, Fenomenologia Descritiva, enfatiza a descrição das vivências, modos de se conscientizar e como as coisas aparecem. Essa tendência começou a ganhar popularidade a partir dos anos de 1900.

¹² Lester Embree é editor geral da Encyclopedia of Phenomenology, obra de 1996. Daniel Augusto Moreira, estudioso de fenomenologia cujo livro “o método fenomenológico na pesquisa” foi projetado para introduzir o estudante na aplicação do método fenomenológico à pesquisa.

Como segunda vertente, a Fenomenologia Realista, busca pelas essências e estruturas universais dos mais variados assuntos, passou a ser conhecida a partir de 1920.

A terceira vertente é a Fenomenologia Genética (ou constitutiva), praticada pela redução eidética. Husserl buscou a origem genética do fenômeno puro, como é constituído para a consciência. Também surgiu concomitantemente a Fenomenologia Realista.

Fenomenologia Existencial, a quarta vertente, diz respeito às descrições apenas do modo de existir humano, acessado diretamente pela descrição, sem interpretações. Esta teve grande impulso enquanto um método para o existencialismo (movimento global de crítica à realidade descrito no capítulo anterior) que foi apropriado pela filosofia e Psicologia enquanto mais uma teoria para se pensar o homem e realidade (Sapienza, 2007). Repercutiu com bastante ênfase na França, logo após a segunda guerra mundial com alguns filósofos e psicoterapeutas como Levinas, Sartre, Simone de Beauvoir, Merleau-Ponty, Rollo May entre outros.

Como quinta vertente, e utilizarei neste trabalho (nos próximos capítulos aprofundaremos do que se trata e como será utilizada), trata-se da Fenomenologia-Hermenêutica. Trabalha à luz da compreensão imediata da existência, considerando um momento compreensivo e outro interpretativo. Sua criação data de 1927, em *Ser e Tempo*, obra de Heidegger, mas Franz Gadamer¹³ ampliou seu uso. Essa corrente teve larga aceitação a partir de 1970 e 1980 nos Estados Unidos.

2.5 – Fenomenologia de Heidegger

Heidegger (1889 – 1976) filósofo alemão, aluno de Husserl, foi um dissidente da Fenomenologia inicial. Segundo Nunes (2002)¹⁴, ele é um tipo raro de intelectual cujas obras apresentam gradual crescimento póstumo. Sua principal crítica foi sobre a categorização das essências, enquanto Husserl ocupava-se de elaborar uma teoria sobre o conhecimento, Heidegger estava preocupado com o estudo geral dos seres.

¹³ Franz Gadamer, filósofo crítico que desenvolveu o uso da hermenêutica para questionamentos sobre os impactos das propaganda e lógica dos discursos em nosso cotidiano.

¹⁴ Benedito José Viana da Costa Nunes foi um filósofo, professor, crítico de arte e escritor brasileiro. Escreveu uma introdução ao pensamento heideggeriano contido em sua obra *Ser e Tempo*, intitulado "Heidegger e Ser e Tempo".

Por meio do que chamou de “Ontologia¹⁵ Fundamental”, escritos de 1927, dissertou sobre a problemática dos sentidos do fenômeno de Ser. Assim julgava as ideias de Husserl insuficientes para analisá-lo, pois o pensamento se identificando com a visão representativa e a essência se esgotando naquilo oferecido ao olhar, não cederia lugar à interrogação sobre o manifestado, mantendo a catalogação superficial ao que se pretendia.

Heidegger (1927) para atingir o objetivo de seu estudo, investigou sobre o ser humano, mais especificamente a estrutura de sua existência, o que chamou de existenciais ou condições necessárias para o existir, pois para ele, o homem é a única criatura capaz de interrogar e refletir sobre a questão do seu ser e o Ser geral.

Mas o filósofo estava diante de um impasse, apesar de o homem possuir a capacidade sobre o conhecimento, este não se dava de imediato. Buscando uma alternativa para esta questão, estudou sobre a linguagem e hermenêutica¹⁶. Por meio da linguagem teríamos consciência dos fenômenos de modo gradual e a partir das experiências vividas, compreendidas e interpretadas. Já a hermenêutica aplicada à Fenomenologia, decifraria o sentido do texto da existência, clareando as relações de autenticidade do homem com tudo que há (Dartigues, 1996).

2.6 - O nascimento da Psicologia

A Psicologia surgiu em solo caótico, de acordo com o capítulo um desta obra, fica claro como desde a Antiguidade o que posteriormente viria a ser seu objeto de estudo já era investigado, o comportamento, consciência, espírito e/ou alma humana.

Como se esboçou acima, as crises e rupturas de sentidos no modo do homem compreender o mundo e realidade se tornaram paulatinamente mais complexas. Com isso, Comte chegou a afirmar que a Psicologia nunca seria uma ciência autônoma, sendo uma disciplina entre as ciências biológicas e sociais. Sua crítica era em direção à psique, ou mente, pois esta não sendo observável, carecia de veracidade aos padrões do positivismo.

Os primeiros projetos em Psicologia Científica, realmente, nasceram como intermédio entre as ciências da natureza e cultura. Entretanto, seu objeto fora bem

¹⁵ Estruturas de possibilidades de ser.

¹⁶ Hermenêutica deriva das palavras hermeneia, hermeneus, a partir da Antiguidade, com o deus Hermes - o mensageiro -; significa interpretar, revelar e comunicar.

delimitado, o modo como o ser humano percebe e experiência as coisas a seu redor (Figueiredo, 2006).

Inicialmente o psicólogo trabalhava com questões relacionadas à aprendizagem e o trabalho, e, seus instrumentos eram unicamente testes e entrevistas para classificar, medir e direcionar as pessoas. Tratava-se de verificar a quantidade de inteligência, programar a aprendizagem, classificar as séries mais adequadas aos alunos (selecionar o “candidato certo” para a “vaga certa” e treinar funcionários e alunos a serem disciplinados às necessidades das instituições).

Vale ressaltar a origem dessas práticas enquanto adaptações de técnicas utilizadas em treinamentos militares durante as guerras.

Em decorrência do Pós-Guerra e transformações na sociedade, a Psicologia se adaptou aos diferentes contextos como o clínico, social, e as diversas possibilidades de atuação que temos hoje em dia. É somente após a segunda metade do século XIX que se pode pensar em Psicologia enquanto ciência autônoma (Figueiredo, 2006).

Wundt (1832 - 1920), pioneiro no projeto de psicologia científica, tinha como objetivo a experiência imediata das pessoas. Ele não estava preocupado em pensar como cada ser humano experiencia determinada coisa, mas no “modo geral de experiencição” humana. Seu método era experimental; ou seja, pesquisava os processos elementares da vida mental determinados por condições físicas do ambiente, e, fisiológicas do organismo.

Após Wundt, surgiram vários outros projetos em psicologia ainda permeados pela ciência natural, por exemplo, Titchener (1867- 1927). Para ele o objeto de estudo da psicologia era a experiência dependente de uma pessoa enquanto organismo puro, ou seja, unicamente determinada por seu sistema nervoso.

Posteriormente os projetos em Psicologia Científica sucederam diferentes caminhos, alguns tendo como base o que chamaram de energias psíquicas, sociedade, comportamentos, entre outros - os quais não me prolongarei, pois foge de minha temática¹⁷. Porquanto me limitarei a falar apenas como a Psicologia pode ser também Fenomenológica, nascida, como veremos no próximo capítulo, como outra forma diversa aos projetos iniciais.

¹⁷ Para aprofundamento sobre as diversas psicologias, indico o trabalho de KAHHALE, Edna M. Peters. A diversidade da Psicologia: uma construção teórica. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

2.7 - A Psicologia Fenomenológica-Hermenêutica

Conforme explicitado sobre as cinco diferentes vertentes fenomenológicas em filosofia, o trabalho terapêutico não poderia ser diferente, também existem diversos projetos em psicologia de orientações fenomenológicas distintas, desde os mais clássicos como a *Gestalt* Terapia Friederich Salomon Perls (1893 - 1970), Terapia Centrada na Pessoa de Carl Rogers (1902 - 1987), até Psicodrama Fenomenológico, Logoterapia e Psicoterapia Existencial. Não mencionarei todas e nem suas diferenças, pois fogem ao objetivo deste trabalho.

A Psicologia emergida diretamente da Fenomenologia-Hermenêutica do Martin Heidegger e utilizada aqui foi a *Daseinsanalyse*, termo alemão que significa análise do *dasein*, ser aí. A clínica *daseinsanalítica* surgiu a partir de um congresso de psicoterapia realizado em Paris, 1941, pelo psiquiatra suíço Binswanger (1881 - 1966).

O psiquiatra utilizou as concepções heideggerianas, presentes na obra *Ser e Tempo* (1927), adaptadas a clínica psiquiátrica. Assim, criou um método novo para acessar, descrever e compreender os sintomas dos distúrbios psiquiátricos diversos a psiquiatria clássica, pois sob o panorama fenomenológico, não havendo nada por atrás dos fenômenos, ele pode estudar a rede de significados e relações a partir deles próprios (Feijoo, 2011)¹⁸.

Binswanger dissertou sobre o que considerou ser uma falha na obra *Ser e Tempo* (1927), pois segundo o suíço as concepções Heideggerianas sobre a ideia de zelar¹⁹, algo fundamental aos cuidados e tratamentos abordados em sua psiquiatria, não englobava o conceito de amor, este crucial às relações afetivas. Contudo, a proposta de Heidegger era de caráter ontológico (filosofia sobre a natureza geral dos seres e não clínica) e, nesse sentido, já continha a noção de amor como uma das características do zelar. Depois de reconhecida essa divergência, o próprio Binswanger classificou seus trabalhos como uma prática diversa a *daseinsanalyse*.

¹⁸ Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo é psicóloga, mestre em Psicologia da Personalidade pela FGV, Doutora em Psicoterapias Atuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000). Escreveu em 2011 um artigo para a Revista da Abordagem Gestáltica sobre a clínica *daseinsanalítica*.

¹⁹ Cuidar, preocupação, carinho entre outros.

Medard Boss (1903 - 1990), psiquiatra e psicoterapeuta suíço, aluno de Freud²⁰, também descontente com as práticas até então adotadas, tanto na psiquiatria quanto psicoterapias e motivado pelos trabalhos de Binswanger, continuou as adaptações da filosofia de Heidegger para o âmbito clínico, mas estritamente psicoterapêutico e não psiquiátrico.

Em 1959 Boss, seus alunos e Heidegger se reuniram com o intuito de aprimorar o diálogo entre a filosofia e psicoterapia, posteriormente foi chamado de Seminários de *Zollikon*²¹. A partir dele, em 1973, foi fundada a “Associação Internacional de *Daseinsanalyse*”, possui uma filial em São Paulo, onde se mantém ativa até os dias de hoje (Boss e Condrau (1976)).

Com relação à prática *daseinsanalítica*, visa o tratamento por meio do cuidar de si, do outro e das coisas no mundo. Em suas premissas, o ser humano precisa aprender a lidar com a falta (necessidade de ter que escolher, pois decidir implica em abrir mão do não escolhido), sofrimento de seus amores/desamores e a transitoriedade da vida, seu ser-mortal (Sapienza, 2007).

Este tipo de psicoterapia permite não somente compreender os modos diferentes do ser-doente, mas uma nova perspectiva sobre a realidade e como o paciente percebe a si, outros e coisas no mundo. Há um empenho investigativo na ampliação desses sentidos, além de novo entendimento sobre os sonhos e como eles impactam no cotidiano do sonhador (Sapienza, 2004).

3 - MÉTODO

A palavra método provém do grego *methodos*, se trata da junção de dois termos *meta* que significa por meio, através e *hodos* a via, o caminho. Desta forma, método diz respeito a caminho no qual se está caminhando.

Para dar conta desta pesquisa, utilizei a Fenomenologia. De acordo com sua etimologia, provém da junção de duas palavras de expressão grega, fenômeno (mostrar-se,

²⁰ Criador da Psicanálise.

²¹ Os Seminários de **Zollikon** foram uma série de seminários filosóficos realizados entre 1959 e 1969 pelo filósofo alemão Martin Heidegger em **Zollikon**, cidade perto de Zurique, na Suíça.

o que se revela por si mesmo) e *logos* (estudo, ciência). Deste modo, Fenomenologia é o estudo sobre o que se revela por si mesmo.

Heidegger em sua obra *Ser e Tempo* (1927), no parágrafo sétimo do segundo capítulo descreve seu método, onde explicita o objeto temático de sua investigação, o fenômeno. Para ele existem três modos privativos deste se mostrar: sua não manifestação (parecer), possível dissimulação (aparência) e até mesmo se revelar como aquilo que, em sua essência, não é (aparecer). Deste modo faz-se necessário o uso da hermenêutica para auxiliar o desvelamento de seus sentidos. Neste sentido se esboça a importância para a psicologia em utilizar o método de um filósofo, pois que a rede de significação e sentidos humanos apresentam a mesma dinâmica dissertada por Heidegger sobre os modos de o fenômeno se mostrar.

Um projeto a luz da fenomenologia não forja hipóteses, mas busca aproximação de sentidos e significados de acordo com os fenômenos que ao se manifestarem comunicam algo, e então os interpreta com base nos ensinamentos Husserlianos e a hermenêutica Heideggeriana. Também não encerra uma resposta definitiva, contudo mostra ser uma forma possível dentre tantas outras válidas para se pensar um determinado assunto.

Esta pesquisa não foi estudo prático, em contato direto com os sujeitos, mas teórica e qualitativa. Como parte do estudo utilizou de representação artística (cinema), são válidas algumas considerações: compreendo, por um lado, que histórias determinadas por um diretor cinematográfico dizem respeito a uma situação controlada e ações engessadas; por outro lado, a obra de arte é válida por justificar atitudes humanas enquanto personagens que na vida real tomam decisões, se comprometem, trilham seus caminhos em busca de projetos maiores, que neste caso, irão de encontro ao tédio.

Dentre os principais elementos abordados por Heidegger (1927), enquanto estruturas da existência humana, existem três grupos que fazem estreita relação às releituras do filme, serão expostos a seguir:

3.1 - *Dasein*

Dasein amplia a ideia do ser humano enquanto apenas percebedor de coisas. *Da*, do alemão (aí), onde o *sein* (ser) pode se colocar como questão, diz respeito a uma constituição ontológica de homem como um ser que já é aí no mundo vivendo. Conforme apontam Holanda e Trindade (2011), ele é o único capaz de acessar o implícito nos entes,

compreender o ser como fundamento das manifestações diversas e as transformações advindas do novo por meio da história e tempo:

O homem é, portanto, um ser que possui consciência de sua própria existência. Neste sentido, pode apreender o realizado por outros homens ao longo da história modificando o mundo que o rodeia. Assim, o ser humano é o único que vivencia o novo, a transformação e não apenas repete o que seus antepassados realizaram e, por isso, um ser temporal e histórico (p. 82).

3.2 - Faticidade e ser-no-mundo

A noção de faticidade é a forma como estamos lançado no mundo. Sendo o ser humano pautado pela sua consciência de situação, precisa viver no mundo que ele próprio não escolheu, como família de origem, regras sociais, política, cultura etc. Disso Heidegger (1927) reflete que não estamos lançados no mundo sozinhos, mas em convivência com outros homens, animais e coisas, a isto chamou de ser-no-mundo e com-os-outros, dos quais não há como escapar, exceto ao findar sua vida.

Ao ter que conviver com objetos, animais e outros seres humanos, intrínsecos a sua constituição, conceituou a ideia de ser-no-mundo, termo utilizado para falar sobre as relações com os outros objetos e animais. Quanto às relações com outros seres humanos, usou a noção de ser-no-mundo-com-os-outros. O ser-no-mundo tem como seus aspectos fundamentais a afetividade, compreensão, interpretação e linguagem.

A afetividade diz respeito a tudo que mobiliza o ser humano a fazer, sentir, pensar, imaginar entre outros. Ela nos move para algo, anterior à vontade, direciona nosso olhar para o desvelamento de como o mundo nos afeta. Tudo sobre o que temos consciência nos chega através de um estado de humor (afeto).

Compreensão é como, por meio de nossa vivência, experimentamos o mundo e assim o conhecemos. Está relacionada a projeção de futuro, possibilidades de escolher e realizar coisas. A compreensão é somente um aspecto do entendimento existindo outro que o complementa, a interpretação, esta é elaboração do que se compreende, indica o “para quê”, a utilidade do que foi compreendido; Heidegger ([1927] 2009) a isso reflete:

No compreender, o dasein projeta em seu ser para possibilidades. Esse ser para possibilidades em compreendendo é um poder-ser que repercute sobre o ser aí as

possibilidades enquanto aberturas. O projetar inerente ao compreender possui a possibilidade própria de se elaborar em formas. Chamamos de interpretação essa elaboração. Nela, o compreender apropria-se do que compreende. Na interpretação, o compreender vem a ser ele mesmo e não outra coisa. A interpretação funda-se existencialmente no compreender e não vice-versa. Interpretar não é tomar conhecimento do que se compreendeu, mas elaborar as possibilidades projetadas no compreender (§ I, p. 209).

Já a linguagem está relacionada à condição única do homem se expressar por meio da fala e mensagens corporais decodificadas numa cultura, além disso, é através dela que refletimos e questionamos a cerca do que somos, deixamos ou pensamos em ser e o mundo que nos circunda.

3.3 - Autenticidade e inautenticidade

Adverte Heidegger (1927) que nem sempre o ser humano se apropria de suas decisões e escolhas, e como dito acima, precisa aprender a conviver num mundo que o solicita, sem que dele possa escapar. Assim, na maioria das situações agimos de acordo com as determinações sociais e vivemos de um modo onde não há reflexão crítica, apenas segue-se o que já está posto como modelo.

Heidegger apontou uma categoria, dentre outras não pertinentes a este trabalho, que pode conduzir ao modo inautêntico, a curiosidade. Esta versa sobre como nos aproximamos das coisas sem aprofundarmos no seu interesse real, mas apenas indo de encontro ao que o mundo nos apresenta (Holanda e Trindade, 2011²²).

A partir do gradual ganho de consciência sobre suas ações, o dasein se aproxima da existência autêntica, mas esta não acontece de imediato. Primeiro é necessário se incomodar com esse mundo que nos convoca e sempre respondemos sem questionamentos.

Para Heidegger (1927), os movimentos de apropriação das decisões acontecem somente após a compreensão e interpretação das vivências pelo próprio sujeito e isto só é possível por meio da linguagem. Como sempre há uma oscilação nos modos de

²² Maria Alves de Toledo Bruns e Ellika Trindade, professoras doutoras em psicologia que escreveram o artigo "metodologia fenomenológica: a contribuição da ontologia-hermenêutica de Martin Heidegger" para o livro "Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas" da editora Ômega em 2001.

autenticidade, a hermenêutica, como dita no capítulo sobre a Fenomenologia de Heidegger, atua enquanto ferramenta metodológica para catalisar esse processo.

3.4 – Instrumento

Neste trabalho analisaram-se cenas do filme *Nostalgia* devido à história de um personagem coincidir com o tema estudado, pois em alguns momentos da vida de Andrei há claras expressões do tédio e estes aspectos foram correlacionados ao referencial bibliográfico pesquisado.

3.5 - Procedimento

O primeiro momento deste trabalho foi reservado à pesquisa em literatura técnica de psicologia e filosofia. No segundo momento houve análise do filme, o qual foi assistido seis vezes, para que eu pudesse obter maior entendimento a cerca da personalidade e dinâmicas relacionais do personagem analisado. Como terceiro momento, busquei uma aproximação à concepção de tédio proposta por Heidegger (2011), explorando e interpretando os sentidos do tema expressos em cenas do filme. Por fim, embasando o trabalho no contexto da clínica psicológica, busquei uma síntese de todos os momentos anteriores e uma saída positiva a situação do caso em questão.

4 – O TÉDIO

4.1 – Conceitos

Tédio do latim *taedium*, segundo o dicionário Aulete (2014), diz respeito a uma sensação de enfado, desgosto ou vazio com ou sem causa conhecida.

Atualmente o tema é visto sob duas áreas, psicopatologia e processos sociais, entretanto na psicologia clínica há escassez de material técnico, o que tornou este contexto histórico bastante raso (Buchianeri, 2012²³).

²³ Luis Guilherme Coelho Buchianeri, psiquiatra especialista em infância e adolescência, autor da tese sobre velocidade e tédio elaborada em 2012.

Na psicopatologia, destaca-se como característica que compõe os sintomas das depressões e melancolias (CID 10 e DSM IV)²⁴. Já Bidaud (2001) afirma ser um estado que não compõe necessariamente uma ou outra, mas antes uma manifestação de ruptura com relação à vontade para fazer qualquer coisa. Para Buchianeri (2012), não há sintomatologia específica para o que chama de sentimento de tédio; afirma abranger tudo, desde um pequeno desconforto até profunda perda de ânimo e sentido para a vida, o caracteriza enquanto um protesto diante da experimentação do excesso.

Quanto aos processos sociais, dizem respeito a como a cultura afeta o estado de humor e produção humana. Parte-se do pressuposto de ser um mal advindo da cultura contemporânea, que tem como consequências as manifestações dos sentimentos de cansaço e monotonia deixando a vida desanimada (Justo e Oliveira, 2013²⁵).

Carvalho citado Oliveira e Justo (2013), diz ser o tédio uma expressão dos modos de subjetivação que aconteceu em decorrência a formação de um ideal fora do alcance gerando negação e enfraquecimento da vida. Já Svendsen (2006)²⁶, afirma ser uma constante ausência de significados pessoais, um tempo do vazio, era do insuportável.

Quanto à história do surgimento do termo, segundo Salem (2001)²⁷ esteve associado às transformações sociais, conforme citadas no capítulo um deste trabalho. Com o início do homem moderno, o tédio nasceu enquanto algo positivo, no sentido de impulsionar e organizar a produção de sentido a cerca de si e suas experiências, para tanto cita quatro fatores possibilitadores: o desenvolvimento do lazer como espaço diferenciado, posto que antes a vida fosse completamente baseada no trabalho; declínio do cristianismo, libertação do pensar devido a queda do teocentrismo; crescente interesse na vida subjetiva, decorrência direta da liberdade de pensamento; e aumento da preocupação dos direitos individuais devido ao indivíduo ocupar, nesse estágio, pela primeira vez, o centro da sociedade.

²⁴ DSM IV: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 4ª edição, e, CID 10: A Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, 10ª edição.

²⁵ Adriana Aparecida Almeida de Oliveira e José Sterza Justo, autores do artigo "Psicologia: de onde viemos, para onde vamos?" publicado nos Anais V CIPSI - Congresso Internacional de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá em 2012.

²⁶ Lars Fredrik Händler Svendsen, professor e filósofo cujos livros já foram traduzidos em mais de 22 línguas segundo Wikipédia, 2013. Autor do livro Filosofia do Tédio de 2006.

²⁷ Pedro Salem é mestre em Saúde Coletiva pela Universidade do Rio de Janeiro. Escreveu em 2001 sua tese de mestrado intitulada o "vazio sem trágico: um estudo histórico sobre o tédio."

O autor aponta que devido ao movimento romântico, esboçado no capítulo um, tornou-se uma característica do crescente homem burguês. Foi com a expansão do comércio, o desenvolvimento das trocas monetárias e sofisticação da economia das cidades que começou a assumir um caráter negativo, nesse sentido cita a ligação direta com o consumismo.

Na segunda metade do século XIX, com a crescente burocratização do sistema capitalista o tédio intensificou enquanto algo ruim, pois, com a ruptura do poder da Igreja e a noção de Estado como instituição repressora, aumentaram as crises de sentido no ser humano. Justo e Oliveira (2013) a isso refletem “*sendo o sujeito contemporâneo responsável por si mesmo, no âmbito social é um fardo para o liberto, pois diante da instabilidade, como firmar-se em algo imutável (p.8)?*”

La Taille (2009)²⁸ conclui que o homem é o escravo de seu tempo, pois diante das realizações imediatas de seus desejos e com auxílio da tecnologia, torna a satisfação quase instantânea implicando na supressão da dor. Compreende a impossibilidade de um projeto de vida em concordância a Justo e Oliveira, pois seria necessária uma motivação em consonância com os valores morais. Como nesta época não temos valores estáveis, a única estabilidade é esquecer e adaptar-se a tudo.

O intelectual relata, ainda, o tédio enquanto consequência direta do risco entre guerras, desemprego crescente, necessidade de exclusão de algumas pessoas (pois não há suprimentos básicos disponíveis a todos, onde, se houvesse distribuição equitativa de alimentos e água, uma parte não teria acesso) e falta de perspectivas dos jovens. Deste modo, o que nos resta é o presente enquanto única referência. E assim, toda a sociedade torna-se descartável, não tendo passado ou futuro.

Na *Daseinsanalyse*, Boss e Condrau ([1976] 1997) afirmam ser o tédio um distúrbio no afeto da abertura do homem para o mundo. Como já é sabido, os entes só nos afetam à medida que deles temos consciência, assim o tédio atua na falta de interesse. Os autores afirmam que as pessoas permanecem inertes a tudo, trata-se de um modo de ser-doente enquanto uma limitação das possibilidades humanas (Boss e Condrau, [1976] 1997, p.39).

²⁸ Yves Joel Jean Marie Rodolphe de La Taille é um educador e psicólogo francês naturalizado brasileiro, especializado em desenvolvimento moral. É professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

4.2 – O tédio em Heidegger

Tédio provém da palavra alemã *langeweile*, significa tempo longo. Para Heidegger (2011), relaciona-se a um estado de ânimo que permeia a temporalidade e o mundo, estes dizem respeito à rede de sentidos e projetos humanos.

A discussão Heideggeriana acerca do tema começa com o filósofo o refletindo sobre sua disposição afetiva e os graus que seu despertar pode assumir. Para ele o tédio pode assumir três modos: o ser entediado por alguma coisa; o entediar-se junto a algo e o passatempo correspondente; e, o tédio profundo, o ser entediante para alguém.

Na primeira forma, o ser entediado por alguma coisa, nosso agir nos direciona ao abafamento do tédio, seu adormecimento. Assim, não estamos completamente indiferentes a ele, pelo contrário, o sentimos como algo vazio e procuramos de alguma forma preenchê-lo. Neste tipo de entediar-se o que está em jogo é o tempo que se arrasta, o que torna necessário fazer algo para o tempo avançar, ao se distrair se tem a sensação de dissipá-lo.

O entediar-se junto a algo, segunda forma, é um pouco mais radical em relação à primeira; ou seja, enquanto no tédio em relação a alguma coisa o homem consegue achar algo para se ocupar e assim preencher o vazio, no segundo modo a manifestação do passatempo é transformado a tal ponto que a pessoa não percebe estar nesta condição, já utiliza de situações e ações previstas socialmente para não despertá-lo, então há uma tentativa de preenchimento por todos os meios, desde televisão, convenções sociais até artes, internet etc.

A terceira forma, tédio profundo, não está relacionado a algo que especificamente entedie alguém, mas a totalidade entediante, Heidegger (2011) a isso reflete: “*entediante para alguém já nos transpôs para o interior de um domínio, em relação ao qual a pessoa singular, o sujeito público individual, não pode mais nada (p.162)*”. Deste modo, Wu (2006) interpreta que o ser já está obrigado a uma escuta a qual está aberto para a disposição afetiva do tédio, nesta forma opera a indiferença, uma recusa da possibilidade de ação, trata-se de um modo de ser nesta forma.

Quanto a resolução para o tédio, segundo Heidegger (2011) a saída acontece somente no estágio do tédio profundo, onde o ente é banido no tempo. Desta forma o movimento da própria recusa impele o *dasein* para sua possibilitação, pois é na inércia do tempo que acontece o instante. Ele surge como resposta ao chamado do nosso ser mais

próprio, e isso acontece somente quando o homem cotidiano é levado ao limite da indiferença. E Wu, 2006²⁹, continua:

Essa abertura [da possibilitação], através da tonalidade afetiva fundamental do tédio não é algo simplesmente dado que ocorre, mas um chamado que exige uma correspondência, pois, ao banimento para o interior da amplitude temporal, pertence o ápice do instante, como sendo propriamente possibilitador em meio a esse conflito, entre o instante recusado e o dado a conhecer, há o homem, na sua situação concreta, tendo de agir (p.134).

Assim, acontece uma crise próxima à ideia de angústia desenvolvida por Heidegger (1927), onde a completa ausência de sentidos permite que novos possam surgir justamente porque ali não há mais nada, nenhum preenchimento, em analogia a um “lugar” vago que permite novas “ocupações”. Deste modo, para Heidegger (2011), apesar de o tédio assumir um caráter negativo, como mostrado em última instância, também contribui para que a pessoa possa refletir mais a cerca de si, como um tédio produtivo, e nesse sentido, positivo.

5 – O FILME

A ficha técnica do filme *Nostalgia* é composta pela Direção de Andrei Tarkovsky. Roteiro: Andrei Tarkovsky e Tonino Guerra. Direção de Arte: Andrea Crisanti. Atores: Oleg Yankovski, Erland Josephson, Domiziana Giordano, Patrizia Terreno. Fotografia: Giuseppe Lanci. Música: Beethoven, Debussy, Verdi, Wagner. Edição: Erminia Marani, Amadeo Salfa, Roberto Puglisi. Produção: Sov Film (União Soviética); Rai 2 TV (Itália). Continental Home Video. DVD (125 minutos) dual layer, 4:3 let-terbox, cor/pb, NTSC, dolby digital 2.0, em russo e italiano. Legendas: português, inglês e espanhol. Gênero: drama.

Trata-se de um filme do cineasta e poeta russo, Andrei Tarkovsky (1932 -1986), dedicado a sua mãe. Foi o primeiro trabalho do diretor gravado fora da Rússia, na Itália, em 1983. Vencedor do festival de Cannes como melhor direção, recebeu outras premiações, como o Júri Ecumênico e FIPRESCI, além de ter sido indicado ao Palma de Ouro.

²⁹ Roberto Wu doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, cuja tese foi sobre Heidegger, intitulada "Heidegger e a possibilidade do novo", defendida em 2006.

Tarkovsky retratou a história de exílios e impossibilidades de se estar em lugares nos quais desejavam por impedimentos políticos (Segundo Oliveira, 2009³⁰).

Quanto a filmagens e fotografias as câmeras transcorrem lentamente, com destaque para alguns detalhes como a água, e foco em algumas expressões de rosto e corpo. O fluxo temporal é mesclado entre passado e presente, bem como vida onírica e estado de vigília e não segue uma cronologia lógica. A qualidade da imagem intercala entre o preto-e-branco, utilizado para cenas do passado, e cores frias para representar o presente.

O enredo envolve basicamente Andrei, poeta russo, e expedição à Itália junto a uma atriz italiana, Eugenia, que foram estudar a vida e obra de um músico, Sosnovsky (russo que viveu e morreu na Itália). Ela o estava ajudando com interpretações da cultura italiana e como isso pode ter influenciado o músico pesquisado.

O filme inicia com a imagem da família de Andrei na Rússia e depois o poeta chegando com Eugenia a um vilarejo na Itália. Ela o convida para visitarem a Catedral de Nossa Senhora do Parto, porém ele recusa e a espera no carro.

A próxima cena é dedicada às lembranças do poeta, mostra-se então sua vida na Rússia, onde vê sua esposa, filhos e mãe, algo que perpassará toda a trama.

Findada a visita a catedral, ambos partem para o hotel aonde irão se hospedar. Eugenia tenta iniciar uma conversa, mas Andrei está muito quieto, limitado a responder sucintamente suas perguntas sempre com a mesma expressão física e poucas palavras.

Depois de cada um em seu quarto, o russo novamente tem sua mente tomada por lembranças e quando finalmente adormece, sonha que sua esposa está beijando o rosto, pescoço e ombro de Eugenia, a segunda está recebendo os carinhos com lágrimas no olhar. O sonho só foi interrompido devido a italiana, bem cedo na manhã seguinte, o chamar para caminharem junto a beira da piscina próximo ao hotel.

Nesta piscina estão quatro hóspedes conversando, quando de repente chega um homem acompanhado de seu cão, Domenico. Este personagem se mostra como o louco, do ponto de vista dos outros hóspedes por não compreenderem o motivo dele ter aprisionado

³⁰ Roberto Acioli de Oliveira, autor do blog Cinema Europeu, criado em 2009. Publicou uma resenha intitulada "A Nostalgia de Andrei Tarkovski" na mesma época.

sua família por sete anos, e, após ela ter fugido para outra cidade com os filhos, ele ter se isolado socialmente.

Andrei e Eugenia estão apenas parados a beira da piscina. Domenico também os chama atenção, em particular Andrei, que após ouvir sua história, solicita a Eugenia que tente um encontro entre os dois.

Eugenia consegue as informações sobre onde ele mora, e ambos vão até lá, porém sem sucesso busca contato, pois Domenico demonstra claramente não querer conversar ao pedir que se retirem dali. A moça, então, exclama a Andrei que ele mesmo fale com o dito maluco; informa que não irá mais prestar seus serviços e partirá a Roma o mais breve possível e, assim, volta ao hotel deixando os dois a sós.

Andrei ao falar com Domenico consegue não só uma aproximação, mas um convite para adentrar sua residência onde lhe é oferecido pão e vinho. Ambos começam a refletir sobre questões da vida culminando no italiano pedir um favor ao poeta, ajudá-lo na tarefa de atravessar a piscina com uma vela acesa nas mãos, o segundo se prontifica a fazer.

Passado este momento, o diretor nos convida ao passado de Domenico, agora são suas as lembranças quem veem á tona. Durante esse momento, Andrei está sem expressões definidas, com olhar voltado ao horizonte, sentado próximo a janela na casa do italiano.

Andrei, posteriormente despede-se de Domenico e retorna ao seu quarto no hotel, lá se encontra Eugenia sentada em sua cama e secando seus longos cabelos. O russo ao vê-la informa pensar que já havia partido para Roma e mostra-lhe o presente dado por Domenico, uma vela. A moça então se queixa sobre o comportamento de Andrei, diz não ter liberdade e medo de tudo. Já o poeta apenas exclama, sem alterar a voz, que está louca e sai do quarto. Ainda no corredor e mais incomodada esbraveja que sua esposa está prestes a trai-lo e o chama de hipócrita. Quando profere esta última palavra acontece uma reação enérgica da parte do homem, na qual lhe projeta, com uma de suas mãos, uma ligeira palmada no músculo do seu glúteo. Eugenia após este ato dirige-se ao seu quarto para pegar suas malas e enfim partir.

Após este pequeno “clímax”, o nariz de Andrei começa a sangrar; visando contê-lo fica parado por um tempo, ora em pé, depois deitado num banco no *hall* do hotel, novamente transposto por suas lembranças, a esposa, mãe e filhos.

Passados esses momentos, nos é mostrado Andrei caminhando pela piscina embriagado, sozinho e cantarolando sobre sua condição atual de vida, dentro de uma ruína, a qual é alagada por águas quentes. Lá encontra uma menina, a quem indaga sobre o porquê de comprar coisas novas, informando isso não ser o mais importante na vida. Fala, também, sobre as grandes histórias de amor clássico serem tão puras, a ponto de não permitirem beijos e expressões de sentimento. Questiona se a menina é feliz e em seguida conta uma história sobre dois homens, um está no fundo de um poço e o outro arrisca a própria vida para salvar o primeiro, porém o resgatado fica bravo por não entender o motivo daquilo, já que ali é o lugar que habita.

Ao perceber que a menina está a fitá-lo, afasta-se e repousa sobre outro lugar. Novamente sozinho, seus pensamentos o levam para uma rua cuja cidade esta desértica com móveis e roupas no chão. Andrei então começa a se questionar porque fez aquilo com a sua família, ao olhar-se no espelho, percebe que não é mais si e sim Domenico.

A cena subsequente configura Andrei, já com malas prontas, prestes a embarcar de volta a Rússia, porém permanece na Itália após um telefonema de Eugenia. A moça já em Roma (passou a viver com Vittorio, um homem que encontrou por lá), anuncia sobre Domenico e sua revolução em praça pública, questiona ao poeta se cumpriu sua tarefa.

Domenico está em Roma fazendo uma reflexão pública sobre o sentido da vida, seu pensamento foi tão extremo que acabou por atear fogo em si mesmo como parte de sua lógica.

O filme termina com Andrei sentado no chão ao lado do cão de Domenico, próximos a uma poça d'água. Ao fundo é mostrada a casa de suas lembranças, na Rússia, e as estruturas de um muro na Itália.

6 – ANÁLISE

Não desejo mais nada que seja só para mim (00h04m42)³¹.

A análise deste trabalho está focada nas vivências de Andrei, personagem central do filme. Iniciarei refletindo sobre cenas que me chamaram atenção para depois falar sobre

³¹ Todos os trechos do filme destacados neste trabalho foram ditos por Andrei.

características do personagem de encontro ao tédio e, por fim, correlacionar à psicoterapia de orientação Fenomenológica-Hermenêutica. Cabe ressaltar, como dito na justificativa, que este é apenas um olhar possível, focado no um tema a partir de um recorte do filme; assim me resguardo de críticas sobre outros elementos que poderiam ser analisados, mas não foram levados em consideração.

Pretendi começar esta análise fazendo a reestruturação desde a infância do personagem para depois chegar a sua idade adulta, contudo este filme não segue uma cronologia lógica, mas um momento específico da vida de Andrei, sua estadia na Itália. Deste modo, segui o fluxo temporal apresentado pelo diretor durante o enredo.

A primeira cena que merece atenção é a chegada de Andrei a Itália num carro junto a Eugenia. A moça está falando em russo, e ele imediatamente solicita que fale em italiano, já numa tentativa de diferenciação da sua terra natal. Quando ambos chegam ao vilarejo, ela pretende mostrar alguns pontos turísticos, como a Catedral de Nossa Senhora do Parto, contudo ele insiste em ficar apenas parado próximo ao veículo enquanto sugere que ela vá sozinha, durante isso exclama: *“estou cansado de ver suas belezas, enjoam-me. Não desejo mais nada que seja só para mim. Já é o suficiente (00:04:42).”*

Neste primeiro momento é perceptível como sua disposição afetiva está orientada para o não envolvimento com a cultura italiana. É notável como não consegue esquecer a terra onde nasceu, suas lembranças o transportam para outro tempo no qual vê uma pequena casa na Rússia, de lá avista seus dois filhos brincando, sua esposa e mãe. Permanece afastado de Eugenia, optando por ficar só sem fazer nenhuma atividade neste sentido, apenas parado próximo ao carro.

Segundo Heidegger (2011) na primeira fase do tédio, a situação nos aborrece e não nos preenche; tornamo-nos vazios, não indiferentes, mas afastados a tudo que vem a nosso encontro. Este estado caracteriza o momento em que Andrei e Eugenia chegam no hotel; lá a moça tenta iniciar uma conversa, porém infrutífera, irritada questiona porque ele não confia nela, ele simplesmente responde que para isso é necessário romper as fronteiras. Esta situação é interrompida por uma funcionária que chega e mostra onde são seus quartos e ambos vão dormir.

Interessante à forma como Andrei, a partir daí, se organiza. Lentamente vai ao banheiro, lava sua boca e a enxuga, toma um remédio e inicia a leitura de um livro; somente interrompe sua leitura porque escutou um barulho do lado de fora, sai para verificar o que

está acontecendo. É Eugenia quem veio lhe entregar outro livro, trocam poucas palavras, em seguida o pega, regressa a seu quarto e fecha a porta deixando a moça do lado de fora.

Quando percebe estar com o livro, entregue pela italiana em mãos, o atira com violência para longe, depois senta na cama e fica observando a chuva que cai até adormecer. Após dormir, sonha com uma relação de afeto entre sua esposa e Eugenia, porém a segunda está com lágrimas no olhar. Em seguida, escuta a voz de sua esposa o chamando, mas na verdade é Eugenia quem está tentando acordá-lo para levá-lo a piscina nas proximidades do hotel.

Parece haver aqui uma extrema ambiguidade de sentimentos, pois Andrei se sente tocado de certa forma por Eugenia, entretanto não entra na temática do assunto, sequer chega a questionar o que sente por ela, mas seu sonho já revela o conflito que busca com tanta veemência repelir. Outro aspecto é o tédio que aparece por meio de algo que ocupe seu tempo, como a tentativa de leitura em vão e contemplar a chuva; mas o tempo não transcorre, a chuva não cessa de cair e neste sentido Andrei vê tudo a seu redor como nada a lhe oferecer, acabando por se entregar ao sono.

Suas vivências se complexificam ainda mais quando parece abandonar-se a si mesmo; ou seja, Eugenia é quem o acorda, quem dita seus horários para sair, tomar café da manhã e os lugares a passear. Por exemplo, é ela quem o solicita para caminharem junto à piscina. O agir inautenticamente de Andrei parece estar mais aguçado, pois ele se deixa levar, observando as conversas de outros hóspedes e fitando o homem que passa ao lado de seu cão.

O elemento Heideggeriano da curiosidade correlaciona também cena do filme, pois seu interesse mostra-se superficial, pela figura de Domenico; isto porque embora esteja interessado em saber quem é e como pensa, nada conta de si, não se trata de uma troca de informações reflexiva, mas apenas um conhecimento, como as manchetes de um jornal, quando corriqueiramente vemos, até lemos sobre, mas após um ou dois dias esquecemos e isto não nos impacta.

Podemos refletir, ainda explorando estas cenas, a “formação” do tédio. Esta se dá por meio de um estado de humor que se desvela não percebido de antemão conscientemente, mas que se deixa despertar. De acordo com Heidegger (2011) “*o que entedia, o entediante é o que nos detém e nos larga no vazio (p.105)*”. Estamos apenas ali, com ausência de preenchimento num tempo que se recusa a avançar, quando mais tenta se

livrar dele, mais se é tragado, culminando no que o filósofo chamou de serenidade vazia ou completa ausência de preenchimento. Na serenidade, Wu (2006) nos ajuda refletir, existe uma relação com os entes que acontece somente no seu modo simplesmente dado, a qual não conseguimos responder ao seu encontro.

Outra cena, ainda em relação a Domenico, muito marcante é quando o poeta está na casa do ermitão, e começam a conversar. O russo está interessado no motivo de o italiano ter aprisionado sua família por sete anos; já Domenico quer que Andrei o ajude a fazer coisas importantes na vida. Domenico diz frases emblemáticas que faz Andrei refletir, como o fato de uma gota mais uma gota formar uma gota maior e não duas; essas parecem um apelo ao modo de agir mais autêntico, mas não fica claro se o poeta está concordando com isso para evitar conflitos ou se é algo apropriado.

É necessário frisar que Heidegger (1927) nos deixa claro que autenticidade e inautenticidade são movimentos que estão sempre oscilando nos modo da vivência, nunca se está sempre num polo ou em outro, mas a depende de como a pessoa dá sentido³², compreende e interpreta tudo que está ao seu redor.

Uma cena bastante impactante acontece quando Andrei retorna ao seu quarto do hotel, após regressar da casa de Domenico, momento em que encontra Eugenia sentada na sua cama. A moça está numa posição sensual, com roupas feitas a partir de panos leves, mas o russo não se mostra atraído por pela mulher, e ainda exclama estar surpreso devido ela ainda não ter partido para Roma, ou seja, já não esperava mais encontrá-la no hotel. Eugenia muito irritada devido a não reciprocidade, esbraveja, mostra um de seus seios, questiona porque ele tem medo de tudo, diz estar cheio de complexos e não ter liberdade. Andrei apenas observando, sem expressões definidas, torna-se “apático”, somente após ser chamado de hipócrita, e ouvir que sua esposa está prestes a trai-lo, toma uma atitude mais “severa”, o tapa no glúteo da moça, contudo regressa ao seu escape costumeiro, as lembranças da Rússia.

As cenas descritas acima demonstram o segundo momento do tédio em Andrei, pois parece não estar mais buscando encontrar algum passatempo para dissipar o tédio,

³² Sentido provém do alemão *Sinn*, que significa rumo ou direção que apela a uma destinação, está relacionado a base de nossas decisões, permeado pelas nossas vivências. Podem ser refletidos ou não e sempre estão de acordo com o que se entende de si próprio, outros e coisas.

somente caminhando junto a ele sem consciência de estar nesta condição. Um exemplo disso, é após Eugenia se ausentar dali não buscar fazer nada, continuou parado sendo absorvido por suas memórias.

Heidegger (2011) adverte que no entediado junto a algo há um descolamento no qual não consegue mais, por meio de um passatempo, esquecer o tédio; o movimento é inverso, cada vez mais se sucumbe a ele. Deste modo, o passatempo é reprimido junto ao próprio tédio e assim ocorre a própria fuga de si próprio. Como nesta modalidade há uma tentativa “inconsciente” de preenchimento de todas as formas, ao contrário da primeira que é ausência de preenchimento, não se tem mais a serenidade vazia, mas a formação do vazio, conforme aponta Wu (2006):

Não é mais uma serenidade vazia, passível de preenchimento por parte de um ente, mas um vazio que se forma a partir do deixar-rolar em meio à festa [por exemplo, festas a qual se vai apenas para cumprir convenções sociais]; no abandono de seu si-próprio (p. 127).

O que principalmente se modifica entre as duas modalidades é a medida do tempo. Na segunda forma ele se mostra, mas não se desenrola, estagna. Na primeira forma acontece uma retenção hesitante, na qual há um momento em que se interrompe a hesitação, o passatempo. Na segunda forma, o tempo é indeterminado e a existência passa a ser pautada por esta estagnação.

Isto fica mais claro na carta que Andrei supostamente leu e depois deu a Eugenia, escrita sobre Sosnovsky. Seu conteúdo relata um sonho que o músico teve onde havia uma ópera e todos os músicos estavam imóveis, feito estátuas, inclusive ele, e continua:

“Eu não me movia, mas quando senti que não resistiria eu acordei. Tinha medo porque entendi que não era um sonho, mas a minha realidade. Posso tentar não voltar para a Rússia, mas esse pensamento me fere porque não é possível que eu tenha que viver numa prisão, não conseguir rever o país em que nasci, as Betúnias de minha infância. Saudações do seu pobre amigo abandonado. Pavel Sosnovsky (01h16m08).”

Wu (2006) reflete que este tempo estagnado fala sobre um agora que se dilata, e o entediado se presentifica na situação do que está acontecendo. Isto se mostra presente em Andrei, pois nada o impede de regressar a Rússia e consequentemente a sua família, ou seguir em um romance com Eugenia; porém permanece preso naquele vilarejo, sendo

invadido por lembranças sem tomar nenhuma atitude de mudança, mesmo após a partida da italiana. Uma vivência que embora recorde seu passado, não o impulsiona para decisões futuras, assim como a carta de Sosnovsky.

O quadro parece se configurar ainda mais complexo, quando Andrei apresenta características do tédio profundo, ou terceira forma do tédio. A partir das cenas em que embriagado e sozinho, entra na piscina de água quente cantarolando sobre sua vida, demonstra como seu modo de ser afinou nesta direção. A música, que cantarola, revela bem esta condição. Era algo no sentido de em sua infância ter adoecido e isso ter sido montanhas de medo em sua memória e continua *“recordo-me de um frescor e caminho, ora me vejo sentado na escadaria, ora caminhando em delírio [...], não vou a lugar nenhum, não vejo ninguém (01h22m03).”* Outro momento importante é o diálogo com a menina, adverte que a garota não precisa ter medo, aliás, ele que a deve temer, pois todos na Itália matam. Isto me fez questionar, será mesmo que todos na Itália matam, ou ele que de certa forma, se sente morto?

Um terceiro exemplo do terceiro momento de encontro ao tédio é sua definição de amores clássicos, que de tão puros e sublimes, não se concretizam com ausência de beijos e inexpressões de sentimentos.

Outra cena marcante é a parábola contada à criança, o relato sobre a história do poço e dos dois homens. Essa condição de estar morando no fundo de um poço e mesmo assim permanecer por ser seu modo de existir, me soa a própria vida de Andrei. A parte na qual a segunda pessoa o retira do poço, parece-se com Eugenia e, em certa medida, Domenico tentando mostrar ao russo o que são as verdadeiras coisas importantes na vida, entretanto o poeta só quer estar ali, entregue a si na indiferença.

Já em outro lugar sozinho, como uma poesia de sua autoria, reflete sobre sua visão estar escura, suas forças serem dois dardos ocultos. Esta cena demonstra de modo mais profundo como ele se percebe em meio a tudo já exposto, o que mais uma vez nos permite identificar o modo de ser junto ao tédio profundo. Andrei diz confundir-se com o que ouve da casa paterna distante que respira. Sente estar com os músculos duros e os gânglios enfraquecendo como ruídos de bois no pasto, segue dizendo que quando a noite cai, surgem duas asas atrás de si. Depois, começa a falar sobre uma festa, na qual uma vela o consome e pede que quando esta acabe lhe recolham sua cera derretida e nela se leiam: *“quem chora e quem anda soberbo, como dando a última porção de alegria, morrer levitando e por sorte, acender-se postumamente como uma palavra (01h28m50).”*

Outra cena em que se percebe este estado profundo é no final do filme. Andrei está sentado no chão acompanhado do cão de Domenico, ambos em frente a uma poça d'água, olhando para a linha do horizonte; ao fundo se avista sua casa na Rússia e acima ruínas de muro na Itália e a chuva que cai. Vejamos, pois, como a esta cena esboça o terceiro modo, uma vez que nos fechamos completamente ao que os entes possam oferecer, tudo serve para nada e assim se vive por meio de um afeto profundo de indiferença.

O mundo do entediado é um lugar inóspito, nada o satisfaz, sua sensação é de que o tempo não passa e não existe projeto para o futuro. De um modo geral, Andrei apresenta alguns padrões peculiares. Do ponto de vista de sua aparência física suas roupas são sempre iguais, possui o mesmo sapato há mais de dez anos, seu corte de cabelo penteado para o mesmo lado, a falta de expressões que demonstrem seu estado de humor, não esboça um sorriso ou choro, e, até seu tom de voz não se altera.

Em sua fisionomia apresenta-se sempre cabisbaixo, mesmo quando direciona seu olhar para alguém, é de baixo para cima. Seus movimentos são muito lentos, desde o caminhar até sentar e se deitar. A forma para lidar com a dor é muito velada, toma seus remédios, mas não esboça senti-la.

Um fato curioso é que durante a cena na qual entra pela primeira vez no quarto, vai ao banheiro lavar sua boca e não se olha num espelho enorme na parede. Será que se olhasse sua própria face, se reconheceria? Quais seriam seus sentimentos e sentidos naquele momento?

Outra característica muito marcante é a sua dificuldade de comunicação e relações interpessoais que por vezes justifica ser devido a não falar o idioma italiano fluentemente. Parece não buscar nenhum tipo de envolvimento, até mesmo com Eugenia, quem claramente declarou estar interessada e com quem conviveu. Procura se esquivar dizendo que os grandes amores clássicos não contemplam o toque e o envolvimento afetivo.

As constantes lembranças de seu passado tornam-se verdadeiras obsessões em sua vida, sempre se recusa a novos horizontes. Andrei chega a traçar objetivos, como regressar a Rússia e na Itália estudar sobre a vida de obra do músico Sosnovsky, porém seu tempo é paralisante a tal ponto que começa a perder sua própria consciência, além do domínio sobre seu corpo, uma vez que cessa de tomar seus remédios, seu nariz começa a sangrar e embriaga-se. Mesmo sua alimentação, necessidade fisiológica vital, caiu no esquecimento, sendo controlada por Eugenia e Domenico. Parece acontecer um estreitamento de mundo,

restrição tamanha que sua vida passa girar em torno apenas de suas lembranças, o quarto daquele hotel, Eugenia e Domenico.

Até podemos pensar que Andrei em algum momento tenha solucionado a questão para seu tédio, quando, por exemplo, faz as malas e decide partir para a Rússia, ou quando seu projeto é interrompido devido sua escolha em permanecer na Itália a fim de cumprir a tarefa prometida a Domenico, entretanto devido à última cena, ele acompanhado apenas do cão em algum lugar da Itália, deixa claro como a situação atual ainda está estagnada.

Andrei, portanto, demonstrou não lidar com as vulnerabilidades humanas do mesmo modo que a maioria de nós lida como questão da falta, ausência, saudade e nostalgia. Ressalto que estes aspectos foram extremamente contributivos de seu estado afetivo, vejamos como.

Falta diz respeito tudo que não podemos escolher, de acordo com o dicionário Priberam (2013), está relacionado à ausência da coisa precisa, útil ou agradável, também como privação e/ou carência, o que se distingue da ausência, esta é estado ou circunstância de não estar presente, falta de comparecimento. Saudade já é um conceito relacionado a uma lembrança feliz de alguém que ou algo que não está próximo, uma mágoa que essa privação causa. Já nostalgia quer dizer uma tristeza profunda causada devido ao afastamento de sua terra natal.

Durante todo o filme é perceptível como ele sente falta de sua cultura, seu povo, sua família, mas ele não sabe, se quer tem consciência dos impactos de como estas privações o motivam. A saudade e nostalgia se misturam configurando o quadro de lembranças contínuas que culminam por paralisar suas ações.

Quanto aos primeiros momentos de encontro ao tédio, seus elementos esboçam-se no início do filme quando Andrei não quer acompanhar Eugenia a catedral. Tudo leva a crer que o tédio tenha sido disparado com sua chegada a Itália.

A dinâmica da sua existência parece perpassar os três momentos do tédio, mas predomina em sua terceira fase, pois há situações em que ele usa de subterfúgios para tentar combatê-lo, em outros momentos se deixa levar para não senti-lo, mas acaba “caindo” no profundo afeto de indiferença, o que o deixa preso num presente anulante de sentidos ou projetos.

Cabe ressaltar que para Heidegger (2011) as três formas do tédio não são etapas necessárias de um processo contínuo, muitas pessoas podem ficar apenas em uma das formas e conseguir sair, outras permanecer e ainda avançar para outro modo. Da mesma maneira que autenticidade e inautenticidade oscilam e não polarizam para uma característica ou outra, no tédio acontece igual; uma pessoa pode se encontrar na primeira forma e oscilar para a última ou segunda e voltar ao estado “normal” com maior ou menor dificuldade.

Quanto aos elementos destacados no método sobre as estruturas da existência humana propostas por Heidegger (1927), eles nos permite aprofundar o entendimento a cerca de Andrei e sua direção ao tédio.

A noção de *dasein* nos auxilia a compreender como é possível a Andrei refletir a cerca de si próprio, e, toda essa análise somente é possível a partir dessa ideia principal, pois é através dela que os outros elementos são desenvolvidos. As existenciais são características do homem pensado ontologicamente enquanto *dasein*, desta forma julguei importante explicitar essa noção para pensar como o poeta russo vivenciou, compreendeu e interpretou seu próprio existir.

Por meio das noções de ser-no-mundo, e seus aspectos, podemos compreender de modo mais profundo como as relações foram estabelecidas pelo poeta. Isto é, tendo que lidar com a faticidade de viver num país estranho a sua pátria, teve que se acostumar com esse outro modo de vida. Disto denota-se como Andrei que não apresentou uma boa adaptação, acabando por generalizar e desprezar tudo que fosse italiano. A partir da análise do ser-com-os-outros, vimos como suas as relações estabelecidas no país estrangeiro foram fracas, porém necessárias, afinal não tem como o ser humano habitar sozinho o mundo. Também permite afirmarmos o quão profunda permaneceram suas relações com a Rússia.

Podemos pensar, inclusive, sobre o interesse de Andrei em Domenico. O italiano prendeu sua família por sete anos por medo que o mundo acabasse, Andrei de certa forma demonstra ter aprisionado também sua família, já que em suas lembranças todos estão a sua espera; mesmo quando cai o sol, estão parados no quintal com os rostos voltados para o mesmo lado, aguardando seu regresso. Isto fica mais claro quando o poeta está caminhando sozinho na cidade destruída, e quando se olha no espelho não mais se vê e sim Domenico. Outro elemento notadamente importante, neste sentido, é um sonho com a esposa. Nele, ela acorda ao escutar o som da voz do poeta a chamando, porém não

encontra ninguém. Está sozinha num quarto onde tem uma porta; ela a abre, mas não se atreve a sair, apenas a deixa aberta como se aguardasse que ele a adentrasse.

A afetividade, outra característica citada no método, é um dos pilares deste trabalho, pois como vimos acima, o tédio é uma tonalidade de afeto sendo este estado de humor o foco de análise do existir do personagem. Assim, por meio da abertura afetiva do poeta, podemos perceber como ele se relacionou com tudo que há.

A inautenticidade foi o caminho trilhado por Andrei nos momentos em que se deixou levar pelas condições impostas por sua faticidade; ou seja, não refletindo, apenas seguindo o que disseram a ser feito. A curiosidade, característica da inautenticidade, atuou com relação a Domenico, como mencionado, foi o que impulsionou Andrei a ter interesse pela figura do italiano “auto exilado”.

A autenticidade aconteceu em poucos momentos, como quando disse estar cansado das belezas italianas, atravessar a piscina de água quente com a vela acesa ou ainda sua atitude em regressar a Rússia providenciando o transporte e bagagens.

Compreensão, interpretação e linguagem, foram utilizadas como ferramentas para o conhecimento e entendimento quanto às escolhas e condições que Andrei viveu na Itália.

Assim, através da análise e reflexão do filme, de acordo com a Fenomenologia-Hermenêutica, desvelou-se como foi habitar um mundo onde se fez extremamente presente a vivência do tédio. Por meio das análises de cenas juntamente com o referencial teórico estudado, foi notável como Andrei chegou ao extremo desse afeto, nos fazendo entrar em contato e até sensibilizarmos com seu sofrimento velado.

Devido a Andrei e as pessoas ao seu redor não terem visto isso como um problema, não houve um tratamento adequado, culminando no completo isolamento social do personagem. Não fica claro se ele veio a falecer.

Por meio da profunda reflexão sobre o personagem e de acordo com as cenas destacadas, explicitou-se que o sentido fundamental a seu tédio esteve permeado pela falta de tolerância da abertura para o novo. Andrei se recusou a conhecer tudo que fosse diferente de sua cultura. Tratamentos possíveis para o seu caso poderiam se basear, entre outros métodos, numa clínica psicoterapêutica. Assim o terapeuta *daseinsanalítico* poderia ajudar Andrei a desenvolver as possibilidades de sua existência.

Deste modo, buscar-se-ia detectar onde está a distorção do seu entendimento frente a essa medida do tempo longo, e, junto a ela o estreitamento no entender. Conforme Boss (1997) reflete, cada conhecimento inclui a possibilidade de distorção, e mesmo essa distorção se configura um entendimento. Assim no tédio há uma distorção no sentido de vivência do tempo, então a atuação seria focada em tratar essa medida de tempo e proporcionar um novo entendimento a cerca do mesmo fenômeno.

Podemos pensar na relação terapêutica enquanto outro fator de extrema, pois a partir dele poderá acontecer os primeiros ensaios para ampliar a compreensão a cerca do viver do personagem. Essa relação não é sempre amena do ponto de vista de somente acolher o que o paciente traz, claro que o acolhimento é necessário, mas junto a ele existe a missão de fazer com que se aceite com seus próprios sofrimentos e limitações, o que no caso de Andrei, devido ao estreitamento no olhar, não permitiu que algumas questões fossem tematizadas e esclarecidas causando mais sofrimentos (Cardinalli, 2005³³). Sapienza (2004) complementa dizendo que terapia é uma oportunidade *“de o paciente poder olhar, de novo, para o que foi vivido e passou – ou não passou -, para o que é vivido agora, e autenticar tudo como sendo dele, como sendo ele (p. 23).”*

O terapeuta também deve se desprender de si para acolher quem vem a terapia, sendo crucial entender sua condição de “anormalidades” físicas e mentais. Para tanto, precisa suspender seus julgamentos morais, desejos, ideias e aconselhamentos, deve se mostrar aberto ao paciente, pois somente dessa maneira o paciente poderá treinar adquirir maior confiança em si e no mundo, principalmente Andrei, homem que acreditava serem todos os italianos supérfluos e assassinos de algum modo, mesmo uma garotinha de aproximadamente dez anos.

Outra característica importante do método *daseinsanalítico*, é se tratar de uma terapia verbal, de acordo com Cardinalli (2000) o paciente fala de si, suas vivências, revela como significa seu mundo seja de maneira próxima ou distanciada. Considera-se também não só a sua fala, mas como se expressa, o vocabulário e como descreve suas experiências. Nesse sentido se mostra como a questão da linguagem, conforme concebe Heidegger (1927) é extremamente importante, pois articula a rede de significação e compreensibilidade do existir.

³³ Ida Elizabeth Cardinalli doutora em psicologia clínica. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Intervenção Terapêutica e Intervenção Clínico Institucional, atuando principalmente nos seguintes temas: Daseinsanalyse, Heidegger, Boss, psicoterapia e intervenções clínico-institucionais na abordagem fenomenológica-existencial.

Outro aspecto necessário a esta prática, é a escuta e o silêncio, tanto por parte do paciente, quanto terapeuta. A escuta clínica é o momento onde o terapeuta está com sua atenção voltada a tudo que o paciente traz; por parte do paciente é levar em consideração as reflexões construídas em conjunto durante a terapia. Escutar, segundo Cardinali (2000) possibilita ouvir e no conceito do último está implícita a elaboração do entendimento por parte de quem ouviu. Quanto ao silêncio, a autora continua *“estar em silêncio é diferente de falar pouco ou estar mudo, pois o silêncio só é possível para alguém que tem o que dizer (p. 15)”*; ou seja, silêncio é entendido como um momento reflexivo a cerca de si, outros e mundo, portanto a *Daseinsanalyse* não é uma terapia oral, engloba momentos para que ambos possam ouvir, silenciar e também calar.

Nesta prática o terapeuta evita interferir na sessão deixando que o paciente traga os assuntos, contudo interveem quando acredita ser necessário levantar algum tipo de reflexão e Sapienza (2004) sintetiza bem esta ideia, afirmando ser a teria *“ocasião de ouvir a própria voz a dizer coisas que, uma vez ditas, encorpadas na voz, são acolhidas por ouvidos humanos (p. 29)”*.

Para a *Daseinsanalyse*, tratar e curar são termos diferentes, tratar é compreendido no contexto clínico como um exercício do cuidado. Segundo Pompeia (2010)³⁴, as situações que demandam cuidados possuem três características: delicadeza, dificuldade e importância. Delicadeza remetem a situações extremamente frágeis, pois se destroem com facilidade caso sejam tratadas de qualquer forma; na dificuldade é necessário se deter o entendimento, pensar e analisar melhor; a importância está relacionada a tudo que é valioso e engloba as outras duas características. O autor complementa que *“quando essas três qualidades se juntam, articulam-se na experiência da pessoa, temos a solicitação, a demanda, o pedido de cuidado (p.35)”*. Disto depreendemos que a cura não atua como eliminação de algum mal, mas um tratamento no sentido de ampliar a liberdade do paciente para que ele próprio possa seguir seus caminhos.

Postas estas premissas, passemos à especificidade do tédio. Terapeutas *daseinsanalíticos* compreendem o tédio, como já dito em capítulos anteriores, como um modo de ser-doente onde acontece redução nas possibilidades de escolhas se comparado com o modo de ser-são. O segundo se caracteriza justamente pela liberdade de escolher seus caminhos a partir da capacidade para viver a multiplicidade de realização. Segundo Boss (1997):

³⁴ João Augusto Pompéia é psicoterapeuta, professor e autor de livros sobre *Daseinsanalyse*.

As pessoas que sofrem de tédio permanecem fundamentalmente indiferentes a tudo. O que se oferece para elas retira-se imediatamente e, se não desaparece totalmente, pelo menos se afasta a ponto de não mais lhes tocar. Seu tédio não se limita a certas coisas. De fato, se entendiam permanentemente, sentem o tempo cumprido (p.31).

Como vimos nas análises de cenas do filme, o tédio profundo conduz ao isolamento social, e a isso podemos relacionar a questão de estar só em comunidade. Mas, isto só é possível devido a se viver em sociedade e em dado momento privar-se dela, pois sem o conhecimento do que seja habitar um grupo, não se sente sua falta. Neste modo de entendimento o estar só é uma forma onde outros permanecem próximos, porém na sua forma de ausência (Boss, 1997).

Isso pode criar um grande paradoxo e parece ser demonstrado por Andrei. Boss (1997) aponta que de um lado temos o avanço das tecnologias de comunicação e transporte, algo que viabiliza a vida do homem em rapidamente se comunicar com todos em qualquer parte do mundo, ao mesmo tempo observa que os homens estão cada vez mais afastados existencialmente, diz ser isso uma característica atual de realização da sociedade e continua:

Assim, a possibilidade de uma relação que os engajassem totalmente acha-se neles destruída. Por outro lado, não são mais capazes de experienciar sua própria vida senão através de um tédio difuso e de um sentimento de absurdo geral. Atualmente, não são mais os histéricos, os neuróticos obsessivos ou neuróticos orgânicos que aparecem nas salas de espera dos psicoterapeutas, como acontecia antes, mas são estes homens solitários e jovens doentes de tédio e absurdo (p.39).

Vemos que o russo tem a sua disposição transporte e até mesmo telefone para falar com sua família, entretanto durante toda a trama cinematográfica, não há comunicação, somente lembranças de sua vivência.

Longe de querer buscar uma “causa social” para o tédio, os trechos das falas do psiquiatra suíço foram trazidos para que se possa compreender como o contexto e a dimensão do tédio “acometem” mais pessoas do que podemos imaginar.

Em 1997 Boss fez um pequeno artigo intitulado “Neurose do Tédio”, lá reflete sobre os comportamentos do entediados, algo de extrema correlação a Andrei. Em suas análises

diz sobre as vivências dos entediados trazerem sentimentos difusos de culpa, e continua *“nestas manifestações a existência humana está presa na mecanização, monotonia, automatização, estagnação e no aborrecimento (p.51).”*, prossegue falando que em geral aparecem tensos, com expressões artificiais, preocupados com queixas difusas e buscam solucionar esses problemas por meio de pílulas mágicas e outros recursos fictícios.

Uma característica importante ressaltada pelo psiquiatra, que poderia ser abordado numa terapia com Andrei, diz respeito a um afeto com maior investimento agressivo contra si e outros no sentido de incapacidade para amar, nas palavras de Boss (1997) isso *“leva à incapacidade de amar no sentido puro e profundo da palavra, acentuando somente o desejo de posse. A maior parte desta problemática fica contida atrás de uma máscara de frieza e inércia (p.53).”* Assim poderia pensar na questão da distância com relação à esposa que deve aguardar seu regresso, portanto sua posse, e a não aproximação de Eugenia, a frieza e inércia.

Outro tema que poderia ser explorado são o que as produções oníricas e artísticas teriam a nos comunicar. Questionar para quais coisas a existência dele está aberta nessas formas de expressão que divergem do seu estado de vigília; Boss (1997), a isso comenta estritamente relacionado aos sonhos, mas que também teria aplicabilidade as produções a sua música e poesia:

na aproximação terapêutica, perguntamos ao paciente se depois, quando acordado, ele é capaz de ver com maior clareza do que no estado de sonho, pois a existência no estado acordado é mais aberta para entender as significações vistas no sonho (p.16).

Por tudo já mencionado, vemos como por meio do olhar psicoterapêutico apoiado na Fenomenologia-Hermenêutica existiria um caminho possível para o tratamento de pessoas que sofrem com o afeto do tédio e que a médio e/ou longo prazo, por meio de submissão a constantes sessões de terapia, seriam possíveis resultados positivos para abertura de outros sentidos, pois o processo reflexivo é *“momento em que é possível aprofundar o pensamento, de uma maneira inteiramente pessoal, na questão básica do sentido da vida própria (Sapienza, 2004, p.30).”*

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi reconhecer às vivências do tédio, a partir de um personagem do filme *Nostalgia* (1983), e correlacionar a literatura técnica de psicologia, por meio do método Fenomenológico-Hermenêutico de Hedeigger (1927).

Através de pesquisa de material bibliográfico e análise de cenas do filme foi possível atingir o objetivo em perceber como Andrei atribuiu sentidos e significados para a vivência do tédio e de que forma este foi desencadeado.

Após a análise, verificou-se que o tédio é um estado de humor, constatou-se que fatores contribuíram para despertá-lo e em quais momentos. Verificou-se, também, a relação entre este afeto e a restrição de possibilidades de escolhas no geral.

Como os acontecimentos do filme se passam em 1983, onde os métodos psicoterápicos não eram populares, dificilmente Andrei teria um tratamento adequado, entretanto hoje em dia temos um vasto leque de profissionais não só da psicologia, como outras áreas do conhecimento, debruçados sobre este tema em diferentes óticas que trariam benefícios pensando em saúde como qualidade de vida, não só psicológica, como biológica, social etc.. Deste modo, não pretendo encerrar o assunto ou chegar a uma resposta, mas apenas mostrar um caminho possível e apontar que este tema é muito atual e carece de contribuições metodológicas e tratamentos, sobretudo no âmbito da psicologia, conforme explicitado nos capítulos acima.

Por fim, estou ciente dos limites de minha pesquisa, pois por se tratar de um filme poderia ter contemplado, em minhas análises, elementos sonoros, filmagens, fotografia, figurino, a relação do título com o contexto da trama, até mesmo uma reflexão mais profunda sobre os determinantes sociais e os homens contemporâneos como produtos de uma sociedade tediosa, porém a isso indico SVENDSEN (2006) e sua *Filosofia do Tédio*. Como meu objetivo foi somente um recorte, refletir o sentido desta vivência para Andrei, opto por encerrar aqui este trabalho e fico feliz a quem possa se interessar por esta temática e seus elementos em novas pesquisas.

8 – REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM-IV**. 4a ed. Washington, DC: APA; 1994.

ANDERY, M. A. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Et. Al. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

ARRUDA, J.. 1942. **História Antiga e Medieval**. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1979.

BIDAUD, E. Depressão adolescente e o tempo vivido: uma abordagem do tédio. In: **Estilos da Clínica**, 2001, p. 92 - 103. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/-60953>>. Acesso em 15 de Abril de 2014.

BOSS, M. Solidão e comunidade. In: **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, v.1,2 e 4, p. 36 – 49, 1997.

BOSS, M; CONDRAU, J. 1971. Análise existencial e daseinsanalyse: como a daseinsanalyse entrou na psiquiatria In: **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, v.1,2 e 4, p. 23 - 35, 1997.

BOSS, M. Tratamento de uma neurose do tédio: Um olhar daseinsanalítico. In: **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, v. 15 e 16, p. 85 – 97, 2011.

BRUNS, M. A; TRINDADE, E. (2001). Metodologia fenomenológica: a contribuição da ontologia-hermenêutica de Martin Heidegger. Em: Bruns, M. A.; Holanda, A. F. (org.) **Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Ômega.

BUCHIANERI, L.G.C. **Velocidade e Tédio: o paradoxo da adolescência no mundo contemporâneo**. 119f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Estadual Paulista-Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2012.

CARDINALLI, I. Daseinsanalyse e psicoterapia. In: **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, v. 9, p. 11 – 18, 2000.

CARDINALLI, I. A contribuição das noções de ser-no-mundo e temporalidade para a psicoterapia daseinsanalítica. In: **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, v. 14, 2005.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

DARTIGUES, Andre. **O que é fenomenologia**. 2ª Ed. São Paulo: Centauro, 2005.

FEIJOO, A. M. **A clínica daseinsanalítica: considerações Preliminares**. Revista da Abordagem Gestáltica – XVII(1): 30-36, jan-jun, 2011.

FIGUEIREDO, L.C.M. **Psicologia uma (nova) introdução; uma visão histórica da psicologia como ciência**. 2ª edição. São Paulo: EDUC, 2006.

HEIDEGGER, M. 1927. **Ser e tempo**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HEIDEGGER, M. **Conceitos fundamentais da metafísica: mundo-finitude-solidão**. Trad. Marco Antônio Casanova. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

JUNIOR, A.G. História Contemporânea. In: **Infoescola, navegando e aprendendo**. 2006-2014. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/historia-contem-poranea>>. Acesso em 09 de Abril de 2014.

JUSTO, J.S.; OLIVEIRA, A.A. **Psicologia: de onde viemos, para onde vamos? – Afinal, o que é o tédio?** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA, ISSN 1679-558X, Anais V, 2012, p. 1 - 14.

KUNSCH, C.K. **As relações entre padrões de consumo e a vivência do tédio em crianças**. 2013. 193f. Tese (Mestrado em psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

LA TAILLE, Y. Cultura do tédio. In: **Formação ética: do tédio ao respeito de si**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LEXIKON EDITORA DIGITAL. Tédio. In: **Idicionário Aulete**, 2014. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/t%C3%A9dio>>, acesso em 10 de Abril de 2014.

LYOTARD, J.F. **A fenomenologia**. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

LOVISOLO, H. Mídia, lazer e tédio. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. V. 25, n. 2, p. 43 - 66, Julho e Dezembro, 2002.

MARTINS, G. A. **Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso**. São Paulo: Atlas, 2011.

MOREIRA, D.A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

NUNES, B. **Heidegger e ser e tempo** - Filosofia passo a passo. 3ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

OLIVEIRA, R.A. A Nostalgia de Andrei Tarkovski (I) In: **Cinema Europeu**, 2009. Disponível em: <<http://cinemaeuropeu.blogspot.com.br/2009/09/nostalgia-de-andrei-tarkovski.html>>. Acesso em 10 de Abril de 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação dos transtornos mentais e de comportamento da classificação internacional de doenças**. 10. ed. (CID 10). Porto Alegre: Artes Médicas (Artmed), 1993.

PESSOA, F. Introdução. In: **Livro do desassossego**: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.14.

POMPEIA, J.A; SAPIENZA, B.T. Uma caracterização da psicoterapia. In: **Na presença do sentido**: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. p. 153 – 170. São Paulo: EDUC, 2010.

PRIBERAM INFORMÁTICA, S.A. Ausência. In: **Priberam dicionário**, 2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/aus%C3%A2ncia>>, acesso em 10 de Abril de 2014.

PRIBERAM INFORMÁTICA, S.A. Falta. In: **Priberam dicionário**, 2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/falta>>, acesso em 10 de Abril de 2014.

PRIBERAM INFORMÁTICA, S.A. Nostalgia. In: **Priberam dicionário**, 2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/nostalgia>>, acesso em 10 de Abril de 2014.

PRIBERAM INFORMÁTICA, S.A. Saudade. In: **Priberam dicionário**, 2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/saudade>>, acesso em 10 de Abril de 2014.

SALEM, P. O. **Vazio sem Trágico: um estudo histórico sobre o tédio**. Tese (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SAPIENZA, B.T. **Do desabrigo a Confiança**. Daseinsanalyse e terapia. São Paulo: Editora Escuta, 2007.

SAPIENZA, B.T. **Conversa sobre terapia**. São Paulo: Editora, EDUC, 2004.

SAPNOUDIS, S. Neurose do tédio. In: **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, v.1,2 e 4, p. 50 – 53, 1997.

SVENDSEN, L. **Filosofia do Tédio**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

TARKOVSKI, A. **Nostalgia**. Produção: Sov Film (União Soviética); Rai 2 TV (Itália). Continental Home Video. Direção Andrei Tarkovski. Título original em russo: **Nostalghia**, 1983. 1 DVD, NTSC, 125 min., color. son., dolby digital 2.0.

Wikimedia Foundation. Globalização. In: **Wikipédia: a enciclopédia livre**, 2013. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Globaliza%C3%A7%C3%A3o>>, acesso em 10 de Abril de 2014.

Wikimedia Foundation. Lars Svendsen. In: **Wikipédia: a enciclopédia livre**, 2013. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Lars_Svendsen>, acesso em 10 de Abril de 2014.

WU, R. **Heidegger e a possibilidade do novo**. 2006. 265f. Tese (Doutorado em Filosofia). – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.